

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

FERNANDO ANTÔNIO DA SILVA JUNIOR

**Processo criativo em Artes Visuais: a janela como interface entre a  
arte visual e a realidade**

MANAUS-AM  
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silva Junior, Fernando Antônio da  
Processo criativo em Artes Visuais: a janela como  
interface entre a arte visual e a realidade / Fernando  
Antônio da Silva Junior. -- 2023.  
89 f.  
Orientadora: Claudia Vicari Zanatta.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de  
Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,  
2023.

1. quadro artístico. 2. olhar. 3. janela . 4.  
percepção. 5. processo. I. Zanatta, Claudia Vicari,  
orient. II. Título.

Fernando Antônio da Silva Junior

**Processo criativo em Artes Visuais: a janela como interface entre a arte visual e a realidade**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Poéticas Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Claudia Vicari Zanatta**

Orientadora

PPGAV-Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. **Evandro de Moraes Ramos**

Universidade Federal do Amazonas

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Daniela Pinheiro Machado Kern**

PPGAV-Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr.<sup>a</sup> **Paulo Antônio de Menezes Pereira da Silveira**

PPGAV-Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MANAUS-AM

2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram a concluir esta dissertação. Em especial à minha Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Vicari Zanatta, pelas orientações acadêmicas, pela paciência e apoio que me deu ao longo do processo de pesquisa.

Gratidão ao Prof. Dr. Evandro de Moraes Ramos pelos seus conselhos e comentários que foram inestimáveis para a realização deste trabalho.

Também quero agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemara Staub por todo esforço dessa parceria com a Universidade Federal do Amazonas, dando a oportunidade de cursar o Mestrado na área de Artes Visuais.

Meus sinceros agradecimentos aos integrantes da banca de defesa, por aceitarem nosso convite e pelas importantes contribuições recebidas.

Não posso deixar de mencionar minha família, meus filhos: Gabriel e Davi pelo apoio tecnológico e emocional, encorajamento durante os momentos mais desafiadores desta jornada, diante de uma pandemia do covid-19, aulas remotas e orientação via *WhatsApp* com figurinhas de *emotions*.

Sou grato ao artista amigo Roberto Evangelista (*in memoriam*) e a todas as pessoas que colaboraram das mais diversas formas, seja através de conversas do cotidiano, seja até mesmo através de um chá amigo.

Ao meus queridos pais Fernando Antônio da Silva e Ruth Wallace da Silva (*in memoriam*), que nos deixaram há pouco tempo, ficando o legado importante na minha formação moral, espiritual e profissional.

Gratidão ao Eu superior que existe em todos nós.

## RESUMO

Esta dissertação em Poéticas Visuais trata do olhar e da percepção do quadro como janela aberta fazendo interconexão entre a arte visual e a realidade do mundo, visando proporcionar uma ponderação sobre a percepção do olhar. O objetivo principal é compreender a utilização da janela como elemento estético e simbólico na arte, como ela afeta nossa percepção da realidade e identificar aspectos para propor uma exposição que possa utilizá-la para debater como pode ser vista hoje, tanto como metáfora ou como objeto artístico, embora já tão usada em toda história da arte. Para tanto, inicialmente, foi necessário trazer ao leitor dados relevantes sobre o movimento artístico na cidade de Manaus/AM nas décadas de 1970 e 1980. Este texto está fundamentado em consulta de obras literárias, visuais e musicais que foram fontes geradoras da ideia. A pesquisa examina obras de artistas contemporâneos que usam a janela como metáfora. Assim, imaginamos a criação de uma exposição / instalação utilizando diversas possibilidades de utilizar as novas tecnologias para apresentar as janelas da atualidade.

**Palavras-chave:** quadro artístico; olhar; janela; percepção; processo.

## **ABSTRACT**

This dissertation in Visual Poetics deals with the look and the perception of the painting as an open window interconnecting visual art and the reality of the world, aiming to provide a reflection on the perception of the look. The main objective is to understand the use of the window as an aesthetic and symbolic element in art, how it affects our perception of reality and identify aspects to propose an exhibition that can use it to discuss how it can be seen today, both as a metaphor and as an object. artistic, although already so used throughout the history of art. For that, initially, it was necessary to bring the reader relevant data about the artistic movement in the city of Manaus/AM in the 1970s and 1980s. This text is based on consultation of literary, visual and musical works that were sources that generated the idea. The research examines works by contemporary artists who use the window as a metaphor. Thus, we imagine the creation of an exhibition / installation using different possibilities of using new technologies to present the windows of today.

Keywords: artistic painting; look; window; perception; process.

*O olho vê,  
a lembrança revê  
e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo*

*Manoel de Barros*

## LISTA DE IMAGENS

|  |    |
|--|----|
| Imagem 1 - Observação das casas de Manaus (1968).....                                | 16 |
| Imagem 2 - A busca da identidade amazônica (1975) .....                              | 18 |
| Imagem 3 - Estudos de 1976 em preto e branco digitalizados em 2003.....              | 19 |
| Imagem 4 - Samaúma (1976).....   | 20 |
| Imagem 5 – Capas de livros editados no Amazonas (década de 1980).....                | 21 |
| Imagem 6 – Aguadas / memórias vividas, palafitas (1981/1986). .....                  | 22 |
| Imagem 7 - Observação, interiores, exteriores da arquitetura popular (1981). .....   | 23 |
| Imagem 8 - Cenário para a TV Cultura (1994). .....                                   | 24 |
| Imagem 9 - Pintura acrílica sobre tela, afastada da janela do cenário (1994).....    | 25 |
| Imagem 10 - Cenário com um monitor (janela do mundo) para as reportagens. ....       | 26 |
| Imagem 11 - Imagens que influenciaram os desenhos na década de 70.....               | 27 |
| Imagem 12 - À esquerda ilustração (anos70); à direita ilustração (anos 80).....      | 28 |
| Imagem 13 - Fotograma do filme 'No paiz das amazonas' virou cartão postal. ....      | 29 |
| Imagem 14 – Interferência de pintura na fotografia. Autor: Jan Saudek (1971). ....   | 30 |
| Imagem 15 – Fotografia, interferência de pintura e composição Windows (2004) ....    | 31 |
| Imagem 16 - Roberto Evangelista .....  | 33 |
| Imagem 17 - Esquema dos planos na pintura de Anísio Melo. ....                       | 34 |
| Imagem 18 - Paisagem Amazônica (1978). .....   | 35 |
| Imagem 19 - Paisagem Amazônica (1986). .....   | 36 |
| Imagem 20 - A Paixão Segundo Evangelista (1994).....                                 | 37 |
| Imagem 21 - Roberto instalando “as cuias” em New York City (1992).....               | 38 |
| Imagem 22 - “A cor do povo” de Roberto Evangelista na Galeria do Largo (2006)...     | 39 |
| Imagem 23 - Composição (Piet Mondrian-1921), pintura digital (Fernando Jr-2014)      | 40 |
| Imagem 24 - Registro fotográfico das janelas no município Envira-AM (2014).....      | 40 |
| Imagem 25 - Janelas de Manaus. (2014).....   | 41 |
| Imagem 26 - Registro do esboço e a obra acrílica sobre papel finalizada (1979). .... | 42 |
| Imagem 27 - Registro de detalhes arquitetônicos (2014). .....                        | 43 |
| Imagem 28 - Registro de detalhes arquitetônicos e a tela (2014). .....               | 44 |
| Imagem 29 - Registro do esboço e a obra final (1999).....                            | 44 |
| Imagem 30 - Desenhos com álcool sobre papel térmico (2009). .....                    | 46 |
| Imagem 31 - Esboço digital pelo celular e a obra final análoga (2019). .....         | 47 |
| Imagem 32 – Igreja N.S. de Fatima nas cores da cúpula do Teatro (2021). .....        | 48 |
| Imagem 33 - A Cúpula diluída em vitrais com as cores luso-brasileira (2021) .....    | 48 |
| Imagem 34 – Cúpula (2021).....   | 49 |
| Imagem 35 - Uma visão da janela (2021).....  | 51 |
| Imagem 36 - Encontros e despedidas / Porto de Manaus (1992). .....                   | 52 |
| Imagem 37 - Esquema mostrando o direcionamento do olhar do observador. ....          | 53 |
| Imagem 38 - Esquema das janelas laterais possibilitando o sujeito ficar oculto. .... | 54 |
| Imagem 39 – Esquema: os novos significados trazidos pela letra da música. ....       | 55 |
| Imagem 40 - Vista da janela em Le Gras, França (Niépce, 1826).....                   | 59 |
| Imagem 41 - Exposição 'Verso' de Vik Muniz. ....                                     | 61 |
| Imagem 42 - Expositores de vidro (janelas mostrando frente e verso). .....           | 61 |
| Imagem 43 - Esquema da Janela de Johari. ....  | 62 |
| Imagem 44 - Exemplos de possibilidades de diferentes gráficos .....                  | 63 |
| Imagem 45 - Detalhamento explicativo das vidraças. ....                              | 64 |
| Imagem 46 - Exposição na Galeria do Largo com audiodescrição. ....                   | 65 |
| Imagem 47 - Esquema da execução da ideia (2014). .....                               | 68 |
| Imagem 48 - Interferência na Galeria do Largo (2014).....                            | 69 |



|  |    |
|--|----|
| Imagem 49 - Marcas do que se foi (a maior enchente do Rio Negro em 2021) ..... | 70 |
| Imagem 50 - Através da janela (2021). .....                                    | 74 |
| Imagem 51 – Desenhando digitalmente em tempo real enquanto ouve relatos.....   | 75 |
| Imagem 52 - A bicicleta na janela (2021). .....                                | 75 |
| Imagem 53 - O processo durante relatos da cidade vista da janela.....          | 76 |
| Imagem 54 - A cidade deserta (2021). .....                                     | 76 |
| Imagem 55 - Possibilidades dos painéis na instalação .....                     | 78 |
| Imagem 56 - Possibilidades das mensagens na instalação .....                   | 79 |
| Imagem 57 - Esquema de algumas possibilidades da instalação. ....              | 80 |
| Imagem 58 - Expositores e quadros transparentes / Eu aberto. ....              | 80 |
| Imagem 59 - Luz LED simulando a luz do sol .....                               | 81 |
| Imagem 60 - Possibilidade do uso de câmeras de segurança como suporte.....     | 81 |
| Imagem 61 - Possibilidade de interação com o artista via internet.....         | 82 |
| Imagem 62 - Três janelas e três versos (2020) .....                            | 82 |

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 11 |
| Capítulo 1: MEUS PRIMEIROS DESENHOS.....                                  | 15 |
| Capítulo 2: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE AMAZÔNICA.....                     | 17 |
| 2.1- O reconhecimento na temática amazônica.....                          | 20 |
| 2.2 - O bidimensional do suporte ao tridimensional do entorno .....       | 23 |
| 2.3 - A fotografia como referência.....                                   | 27 |
| 2.4 - A interferência da pintura na fotografia.....                       | 30 |
| Capítulo 3: AS INFLUÊNCIAS E A FILOSOFIA DE EVANGELISTA .....             | 33 |
| Capítulo 4: ARQUITETURA DE MANAUS COMO SIGNO.....                         | 42 |
| 4.1 As novas tecnologias.....   | 45 |
| 4.2 O olhar ensina a pensar.....  | 50 |
| Capítulo 5: A MÚSICA COMO TRILHA SONORA GERADORA DO CONCEITO .....        | 52 |
| Capítulo 6: JANELAS CONCEITUAIS.....                                      | 59 |
| 6.1 A Janela de Johari .....  | 62 |
| 6.2 A vidraça do “Eu oculto” passa a ser o “Eu aberto” .....              | 65 |
| 6.3 A vidraça do “Eu aberto” e a do “Eu cego” .....                       | 66 |
| 6.4 A vidraça do “Eu cego” do artista aberta por um <i>feedback</i> ..... | 70 |
| 6.5 Proposta de uma exposição/instalação .....                            | 77 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 83 |
| REFERÊNCIAS .....   | 85 |

## INTRODUÇÃO

O principal cenário desta pesquisa é Manaus, capital do Amazonas, com 2.219.580 de habitantes, concentra 53% da população do Amazonas, é a sétima capital do país em população e a primeira da Região Norte, segundo pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); derradeira estimativa da população no ano de 2020<sup>1</sup>.

Como a arte é uma área do conhecimento que trata do desconhecido, escrever sobre o próprio trabalho artístico se torna uma tarefa difícil, pois a linguagem escrita não é a primeira escolha do discurso do artista visual.

Na realidade, a razão e a emoção na busca do 'objeto' da pesquisa que poderia haver um distanciamento, uma neutralidade do pesquisador, como acontece nas ciências exatas (área por onde caminhei boa parte de minha vida como desenhista, projetista na arquitetura), foi eu o 'pesquisador' e eu o próprio 'objeto de pesquisa', em outras palavras, trata-se do *eu* buscando a mim mesmo, 'eu caçador de mim', como já dizia o poeta.

Tive a intenção de encontrar ligações, elementos significativos e recorrentes nos trabalhos por mim executados, desde o início da vida profissional na área artística, não de apenas elaborar um inventário ou catalogar alguns trabalhos, mas de encontrar as questões relativas à contemporaneidade.

Esta pesquisa se desenvolveu a partir do meu processo de criação, que somente após uma longa caminhada profissional pude observar elementos recorrente nos meus desenhos e pinturas: a casa, a morada, a janela, o interior e o exterior, o espaço.

Trago meus primeiros traços no desenho, como uma forma de expressar o mundo quando criança, em seguida expressando os sentimentos da adolescência e hoje buscando algo interior, uma identidade artística, o autoconhecimento tão falado em tempos de mudanças sociais e transformações no mundo em que vivemos.

Nesta pesquisa, relato uma breve retrospectiva dos primeiros desenhos e os motivos pelos quais fui influenciado: o meio ambiente, as minhas raízes, os encontros de tudo que motivou a seguir nessa caminhada do desenhar por desenhar; quando criança, na sobrevivência; quando profissional dos projetos de arquitetura, no

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/com-22-milhoes-de-habitantes-manaus-concentra-53-da-populacao-do-am/>

magistério superior porque tinha algo a aprender e a ensinar nas artes plásticas e nas artes visuais (quando a tecnologia e a informação dominaram os meios de expressão artística).

Destaco a influência da música como trilha sonora ou fonte de inspiração dos meus trabalhos, das imagens mentais que a mim surgiram no período da infância até a adolescência. Meu pai era proprietário da primeira loja de discos de vinil em Manaus (1957), numa época bem antes da televisão e dos outros meios de divulgação e propagação da música popular. Quando eu criança, era comum ser apresentado aos cantores, artistas nacionais que vinham a Manaus para divulgação dos lançamentos, trazendo em mãos o ‘disco promocional’ com selo de ‘invendável’ para divulgar e trabalhar um sucesso futuro, pois era o rádio e os lojistas que divulgavam e promoviam os sucessos regionais. A televisão só chegaria em Manaus em 1967, em plena ditadura militar, época dos grandes festivais da música popular brasileira. É notório que esse contato com a música, através da vivência numa loja de discos, passou a ser fonte de inspirações para os desenhos e elemento importante como uma trilha sonora geradora de conceitos.

A importância do design das capas dos discos e dos encartes, trabalhados por artistas gráficos renomados, inevitavelmente trouxeram uma influência eclética nos traços e temas.

Ouvindo músicas, algumas vezes, desenhava de observação através da janela visando o quintal da casa onde morava, mas foi na academia que fiquei sabendo, que tal exercício não era novidade alguma, Leonardo da Vinci ensinava aos aprendizes de pintura a desenharem os contornos de uma árvore sobre uma placa de vidro atrás da qual se vê uma árvore real, a visão do mundo expressa num vidro, “sobre a superfície do qual foi desenhado tudo o que se encontra atrás do vidro” (VINCI, 1990, p. 246).

Ainda estudante, tive contato com o chá ayahuasca<sup>2</sup>, convivi com artistas e professores que já bebiam em rituais religiosos ou simplesmente para ‘viajar’ e receberem inspirações para suas telas. Então veio a questão se o chá ayahuasca podia tornar uma pessoa mais criativa ou se as pessoas criativas podiam tirar proveito para aumentar a criatividade, questionei-me.

---

<sup>2</sup> Segundo Mikosz (2009) é uma bebida com propriedades psicoativas, preparada pela decocção de duas plantas naturais da floresta amazônica: o cipó malpighiáceo *Banisteriopsis caapi* (popularmente chamado de mariri) e as folhas do arbusto rubiáceo *Psychotria viridis* (popularmente chamada de chacrona). Também chamado de “Hoasca” na Amazônia brasileira e “Caapi” pelos nativos.

Em 1978 conheci um artista conceitual, poeta, Roberto Evangelista (1946-2019), que foi um dos percussores do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV)<sup>3</sup> em Manaus. Numa conversa informal comentou que “a criatividade e a geometria sagrada é inerente ao ser humano, podemos buscar dentro de nós, num estágio de autoconhecimento que vamos adquirindo ao longo da vida, mas que o chá ayahuasca poderia acelerar esse processo”.

Então, comecei a fazer uso do chá para efeito de concentração mental, mas logo percebi que esse me proporcionava visões das minhas ações, formas geométricas e cores, que talvez tenha influenciado meu processo artístico. Algumas dessas visões transformei, materializei, expressei em imagens, desenhos e pinturas.

No desenho de observação; a sensibilidade de ver o mundo tridimensional e trazer para o bidimensional do suporte, no desenho de memória; as cenas vividas materializadas no tempo e espaço, no desenho criativo; trazia da imaginação, consciente ou não, imagens parecendo obra do acaso, mas eram como clareiras abertas ou janelas, meios pelos quais podia ver melhor o mundo ao redor.

Tudo alinhado com a técnica adquirida, os materiais e instrumentos disponíveis naquele momento. É sobre esses temas que a presente pesquisa irá versar, como também a evolução tecnológica e os materiais que influenciaram no processo criativo do meu trabalho, propondo uma mostra com possibilidades de tirar proveito da tecnologia como meio facilitador da interatividade entre o artista e o público, principalmente o alvo: meus alunos de arte.

Esta dissertação está composta por seis capítulos. No Capítulo 1 - comento sobre as minhas experiências e os primeiros desenhos; o capítulo 2 – versa sobre a busca de uma identidade amazônica na temática e o reconhecimento do meu trabalho artístico pelo sistema; no Capítulo 3 – relato sobre a influência do artista plástico Roberto Evangelista nesta pesquisa; no Capítulo 4 – é tratado sobre a importância da arquitetura do centro histórico de Manaus, a memória do período áureo do ciclo da borracha no Amazonas, chegando até o período modernista da Zona Franca de Manaus que trouxe as novas tecnologias; no Capítulo 5 – descrevo como a música motivou e gerou conceitos no meu trabalho artístico; no Capítulo 6 – exponho sobre um elemento recorrente em toda minha vida artística a ‘janela’ como ideia ou metáfora;

---

<sup>3</sup> Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV, utiliza em seu ritual o chá Hoasca (Ayahuasca), além de músicas instrumentais e popular brasileira de qualquer gênero, bastando que a letra esteja de acordo com a doutrina do Centro.

também apresento a proposta de uma exposição/instalação em que possamos refletir sobre o mundo contemporâneo permeado pelas novas tecnologias.

A pesquisa desenvolvida em diversas obras literárias, algumas músicas, e alguns artistas visuais contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa. Assim, merecem destaque: Luís Antônio Jorge que trata do desenho da janela; Hans Belting, uma história do olhar significativo da janela entre o Oriente e Ocidente, dentre outros.

## Capítulo 1: MEUS PRIMEIROS DESENHOS

Aqui vamos comentar, de forma resumida, como iniciaram as minhas atividades artísticas. Por isso, preferi escrever na primeira pessoa.

No **Desenho**, durante a minha infância eu falava: “eu desenho um desenho”...na sequência, os adultos replicavam “é obvio!”. Estava correto porque a palavra “desenhar” é verbo, também é substantivo, é o sujeito, é a ação.

E o olhar e o ver, onde está a observação? O olhar e o ver, e registrar através de desenhos, desde a infância, sempre fui motivado pela minha família e colegas de escola.

Na **Música**, meu pai era comerciante, proprietário da primeira loja de discos de vinil em Manaus nas décadas de 60, 70 e 80. Cresci ouvindo músicas, desenhando em cadernos que eu os nomeava: vol. 1, vol. 2, vol. 3, como os álbuns dos discos daquela época. Eu copiava ilustrações de artistas consagrados, de observação desenhava casas urbanas da década de 60 construídas em Manaus; enquanto que as outras crianças desenhavam casas com chaminés e carros comuns, eu desenhava mais pela observação e vivência do meu ‘mundinho’ ao redor. Assim, comecei a desenvolver a técnica da observação e do desenho - sempre acompanhado de uma boa trilha sonora eclética.

**O Espiritual na Arte** – juventude de um jovem, nascido em família católica, estudante do Colégio Salesiano Dom Bosco em Manaus, sendo sempre convidado para desenhar com giz num mural em destaque no hall de entrada desse Colégio, para divulgar festas religiosas sazonais. Orientado pelo amigo padre Mário, passei a assinar ‘Fernando *Pinxit*’ (segundo o dicionário do latim: ‘ele pintou’ ou ‘um pintado’ – que é uma emenda estilizada adicionada à representação da assinatura do nome da pessoa responsável por uma obra de arte).

Pequenos detalhes que me motivaram mais interesse pelo desenho como representação gráfica e transmissão de uma mensagem, além do interesse normal, que qualquer criança tem quando começa a desenvolver a fase da garatuja até a fase da representação simbólica de uma realidade.

Anos depois, em um encontro maior com a natureza, as clareias da floresta e da minha imaginação foram abertas. Assim, as janelas do olhar se deram de dentro

para fora e de fora para dentro, como aberturas permitindo a entrada de luz na minha mente.

Imagem 1 - Observação das casas de Manaus (1968).



Técnica: Caneta Bic e lápis de cor sobre papel  
Fonte: Próprio autor.



## Capítulo 2: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE AMAZÔNICA

Na adolescência, comecei a me questionar sobre o que seria mais importante, a técnica ou a expressão sentimental do artista? A busca da própria identidade nos traços?

No ano 1976 existia um crescimento econômico com a implantação da Zona Franca de Manaus, o Governo do Estado do Amazonas, além dos incentivos fiscais para implantação do novo ciclo econômico pós-borracha, na cultura incentivava os novos talentos, tanto na literatura como nas artes plásticas. A Imprensa Oficial do Estado durante as décadas de 70 e 80 patrocinou publicações de obras literárias, também movimentos locais como o “Clube da Madrugada”<sup>4</sup> deram força para a tardia chegada do movimento modernista de 22 já vigente em outros centros culturais do país.

A procura era de uma identidade própria da cidade, evitando assim o domínio da cultura vinda de fora, *made in USA, made in Taiwan*. Mas, o produzido na Zona Franca de Manaus era algo de antropofagia cultural como já dizia poeta Oswald de Andrade no modernismo. Buscando essa identidade nos meus trabalhos, nos traços, na temática amazônica, acabei encontrando o Eu comigo mesmo, sem saber.

Era comum todo principiante ser influenciado pela exuberância estética que a floresta oferecia, pintar paisagens amazônicas era tema recorrente, predominando assim um estilo bem acadêmico nas artes plásticas do Amazonas.

Com o progresso e o desenvolvimento econômico acontecendo em plena ditadura militar, existia sempre o receio, talvez o medo, de expressar algo a mais que pudesse ser considerado uma crítica ao sistema. Algumas vezes pintei aguadas das casas penaltas dos ribeirinhos e comentários dizendo que tinha algo de subliminar, subversivo ao representar as dificuldades do caboclo pela sua sobrevivência, a pobreza da sua arquitetura em relação ao modelo arquitetônico implantado na cidade desde a época *belle époque* áurea do ciclo da borracha.

Em 1975, com 15 anos de idade, alguns ícones da Amazônia paraíso, como a vitória régia, araras, tucanos e tucunarés apareciam em meus desenhos bem

---

<sup>4</sup> O Clube da Madrugada nasceu em 22 de novembro de 1954, em Manaus, sob o pé do mulateiro existente na Praça Heliodoro Balbi. O nome Madrugada vem em razão de ter numa madrugada quando um grupo de jovens intelectuais, reunidos debaixo daquela árvore, tiveram a ideia de criá-lo. A sua fundação foi inspirada na necessidade de implantar-se nas letras e nas artes plásticas do Amazonas o espírito do movimento modernista de 1922.

coloridos graças à técnica de pintura com canetas hidrocor, ou canetas de feltro, canetas de marca, tornaram-se populares entre os artistas que desenhavam e pintavam em papel devido à sua facilidade de uso e à variedade de cores disponíveis, ainda hoje é chamada de pincel atômico, uma novidade na minha Manaus, *made in Taiwan*, assim também papéis importados da Alemanha com texturas e uma diversidade de cores; eram a grande novidade, uma motivação a mais, no movimento artístico local naquele período.

Imagem 2 - A busca da identidade amazônica (1975)



Técnica: Caneta hidrocor sobre papel.  
Fonte: Próprio autor.

Apoiado pelos amigos e artistas locais, fui incentivado por familiares, participando dos movimentos culturais na cidade de Manaus, convidado para exposições coletivas patrocinadas pelo Governo do Estado / Fundação Cultural do Amazonas, sendo premiado num Salão de Artes Plásticas local com uma pintura acrílica sobre tela em que apresentava um só plano, um igapó, uma floresta alagada e destacava-se uma árvore, que, depois de ouvir os comentários dos espectadores

na exposição, seria a árvore princesa da floresta por ser geralmente a mais alta, a sinaleira dos navegantes, o telefone da floresta, pois os caboclos se comunicavam batendo nas suas grandes raízes chamadas de sapupemas, então o renomeei o 'sem título' para *Samaúma*. Comecei a entender melhor essa busca da identidade amazônica, essa comunicação de melhor expressar o 'eu caçador de mim':

[...] Preso a canções / entregue a paixões / que nunca tiveram fim / vou me encontrar / longe do meu lugar / Eu, caçador de mim / nada a temer senão o correr da luta / nada a fazer senão esquecer o medo / abrir o peito a força, numa procura / fugir às armadilhas da mata escura / longe se vai / sonhando demais / mas onde se chega assim / vou descobrir o que me faz sentir / Eu, caçador de mim. (MAGRÃO, 1981. LP Milton Nascimento, faixa 1, lado B)

A letra de Sergio Magrão, eternizada por Milton Nascimento 'Caçador de mim' fala da busca do autoconhecimento e aceitação de sua própria identidade, é o sujeito que busca a si mesmo com persistência.

Imagem 3 - Estudos de 1976 em preto e branco digitalizados em 2003.



Técnica: Caneta hidrocor sobre papel, digitalizado.  
Fonte: Próprio autor.

Imagem 4 - Samaúma (1976).



Técnica: Acrílica sobre tela; 580 x 380mm  
Fonte: Próprio autor.

### **2.1- O reconhecimento na temática amazônica**

Com uma temática voltada para a Amazônia, não faltaram os convites para ilustrar livros publicados em Manaus por editoras do Estado e privadas, profissionalizando também em ilustrações para artes gráficas, já que viver somente das eventuais vendas de quadros era difícil na cidade.

No final dos anos 70 e início da década de 80, era comum personalidades, autoridades, chefes de Estado, serem presenteadas com obras de pintores locais que expressavam temas regionais, que é uma maneira de mostrar e divulgar essa região. O próprio Papa João Paulo II, por ocasião de sua visita ao Brasil em 1980, foi presenteado com obras de artistas amazonenses, por duas vezes os embaixadores dos Estados Unidos da América Robert Saywer em 1979 e Anthony Motley em 1982, também receberam quadros retratando nossas cidades e paisagens. Assim veio o reconhecimento de um trabalho, a valorização de um jovem artista como um representante legal da região, do meio ambiente em que vivia.

Muitos registros em desenhos e pinturas da arquitetura popular típica dos ribeirinhos, foram feitos nos anos seguintes, ora de observação, ora de memória ou mesmo tendo a fotografia autoral como referência.

Imagem 5 – Capas de livros editados no Amazonas (década de 1980)



Fonte: Próprio autor.

A herança da arquitetura do ciclo da borracha fazia contraste com as moradas improvisadas nas margens do Rio Negro, casas pênaltas esperando o tempo da enchente, num cenário de esperança em dias melhores, caboclos ribeirinhos vindos do interior em busca de emprego no Distrito Industrial de Manaus. Essa arquitetura foi documentada numa exposição na Galeria de Arte da Universidade do Amazonas, em que o assunto, não só sob o aspecto interior da casa, mas pelo todo interno-externo, pegando também os espaços urbanos que fazem parte da memória daqueles que já existiram ou foram (ou serão) devastados. Mais que reminiscências, eram chamadas para olhar espaços que estavam se perdendo, pouco a pouco, se foram.

Roberto Evangelista (1990) destaca na apresentação da exposição:

O artista registra as casas do povo das beiras. Casas de morrer e viver, casas que Bachelard<sup>5</sup>, o pensador francês, adoraria ter conhecido e teorizado, poeticamente, sobre as relações homem x casa x ninho x água x terra x céu. Creio, no entanto, que tão somente o desenho/pintura de Fernando o teria extasiado, pois o artista sabe sacar a essência, a paisagem, para além do registro e configurá-la sob novas e oníricas formas.

Imagem 6 – Aguadas / memórias vividas, palafitas (1981/1986).

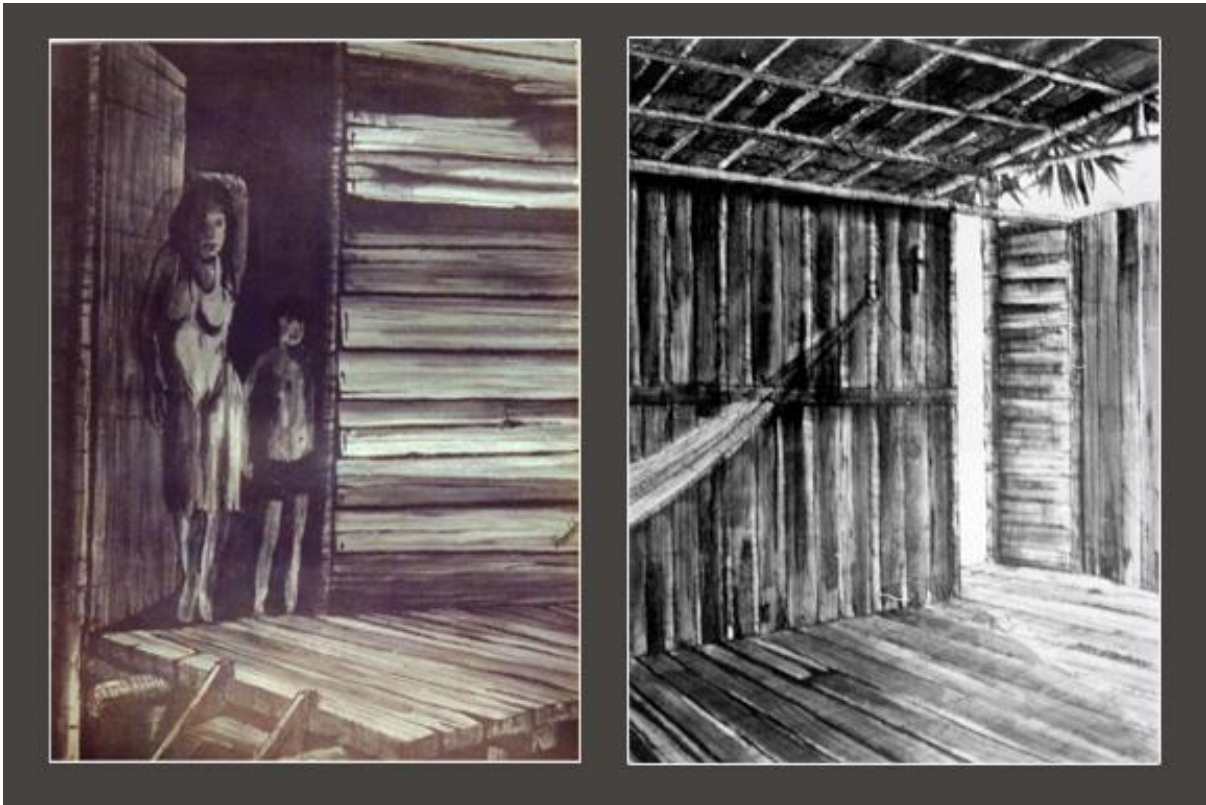


Técnica: Aguadas em nanquim. Fonte: Próprio autor.

---

<sup>5</sup> Gaston Bachelard (1884-1962) foi um filósofo, químico e poeta francês. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência.

Imagem 7 - Observação, interiores, exteriores da arquitetura popular (1981).



Técnica: Aguadas em nanquim.  
Fonte: Próprio autor.

## 2.2 - O bidimensional do suporte ao tridimensional do entorno

Embora os desenhos fossem limitados a um suporte bidimensional, ao papel ou a tela, minha experiência com os projetos de arquitetura, proporcionaram uma visão voltada ao tridimensional, aos espaços internos e externos, o entorno da casa, o meio ambiente. Surgiu a oportunidade de projetar e executar cenários para programas de TV em Manaus, abrindo as janelas, algumas vezes metáforas, outras vezes literalmente aberturas para mostrar o mundo além da imagem televisionada, como janelas abertas. O próprio monitor colocado no cenário, tinha a função de mostrar uma determinada reportagem externa, como uma janela aberta ao mundo exterior; ainda hoje, o monitor colocado no cenário das emissoras de televisão continua tendo essa mesma função.

Imagem 8 - Cenário para a TV Cultura (1994).



Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Próprio autor.

Em 1994 alguns cenários para as emissoras de TV local foram executados, sendo o primeiro para um programa de auditório que era transmitido ao vivo no auditório da TV Cultura. O Prof. Demosthenes Carminé em seu livro que conta a história dos 19 anos desse programa, descreve as características do cenário:

Um toque de saudade, foi pintado pelo artista plástico Fernando Junior, inspirado num jardim cujo limites se perdiam no horizonte, em que a lua surgia esplendorosa, iluminando a noite e prateando as árvores e as plantas daquela praça. O seu painel simulou também um lampião atrás de um banco que ficava próximo ao canteiro, com grama verde e muitas flores”. (CARMINÉ, 1998, p.142).

Na atualidade a habilidade do artista plástico de construir um cenário foi substituída gradualmente pelas novas tecnologias dos computadores e ambientes virtuais, assim como a nomenclatura de ‘artes plásticas’ foi substituída pela de ‘artes visuais’, e o artista plástico por artista visual. Comecei a unir essas tecnologias nos meus desenhos e pinturas, ora desenhando à mão livre e depois digitalizando para arte finalizar no computador, ora iniciando no computador e depois imprimindo para



fazer uma interferência à mão livre, umas idas e vindas do análogo ao digital e vice-versa.

Imagem 9 - Pintura acrílica sobre tela, afastada da janela do cenário (1994).



Fonte: Próprio autor.

Como professor, tive oportunidade de ministrar aula de desenho de observação para indígenas da etnia *Baniwa*<sup>6</sup> em São Gabriel da Cachoeira, município do Amazonas localizado no alto Rio Negro. Ao ouvir suas conversas na língua materna, tinham sempre uma tradução para explicar os desenhos de objetos como computador, celular e televisão. Sabendo que esses objetos não existiam na cultura dos *baniwas*, questionei como seria possível a tradução, eles prontamente responderam: “Professor, televisão é ‘janela para o mundo’, na nossa língua; computador é ‘cabeça de Jurupari’<sup>7</sup>; e celular é ‘espelho preto”.

<sup>6</sup> Os Baniwas vivem na fronteira do Brasil com Colômbia e Venezuela, além de comunidades no Alto Rio Negro e nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM).

<sup>7</sup> Jurupari é uma entidade sobrenatural, legislador de mitos indígenas, o deus do bem e do mal. Considerado o diabo, entre missionários católicos do século XVI.

Ora, socialmente entre eles, faz sentido o olhar através da janela (lembrei da função do monitor de TV colocado no cenário), a cabeça como memória e o espelho que reflete o mundo visível.

O ato de ver e olhar para fora o visível, também é um ato de ver o invisível, que alguns podem chamar de imaginação.

[...] olhando para fora e vendo o mundo em volta de si com o modo de ver do artista você adquire uma percepção de si próprio. Inversamente, olhando para dentro para descobrir a interioridade do artista você adquire percepção do mundo fora de si próprio. (EDWARDS, 2002, p.241).

Quando um artista, uma criança ou mesmo um leigo nas artes visuais, desenha uma imagem qualquer, transfere a visão mental para o suporte que passa a ser agora a janela do objeto desenhado, é a materialização de um pensamento, a representação gráfica consciente ou não, mesmo sem a coordenação motora necessária para expressar, representar o mais próximo possível a realidade do seu mundo interior.

Imagem 10 - Cenário com um monitor (janela do mundo) para as reportagens.



Fonte: Próprio autor.

### 2.3 - A fotografia como referência

No ano 1970 tivemos o início da construção da transamazônica, “ocupar para não entregar” era o lema publicitário do Governo Militar, justificando integração e a colonização da Amazônia, propagandas governamentais com imagens de imensas árvores centenárias sendo derrubadas, eram vistas com naturalidade de um mal necessário, porém, décadas depois, com uma sociedade evoluindo para uma consciência mais ecológica, o significado da mesma imagem passou e ser inversamente contrário.

Os desenhos que eu produzi naquela época, com um significado de progresso e desenvolvimento (tendo as propagandas governamentais como referências), ao serem rerepresentados na década de 1980, passou a ter um significado oposto, ou seja, de protesto, de denúncia da devastação da floresta.

Imagem 11 - Imagens que influenciaram os desenhos na década de 70.



Fonte: <https://quatrocincom.folha.uol.com.br/br/galerias/a-ofensiva-da-ditadura-militar-contra-a-amazonia>

Portanto, a fotografia mesmo pertencendo a área das artes visuais, tem um diferencial a mais; a possibilidade de explorar o seu tempo com significados diferentes; uma imagem vale mais que mil palavras, desde que acompanhada por uma legenda.

Imagem 12 - À esquerda ilustração (anos70); à direita ilustração (anos 80).



Fonte: Próprio autor.

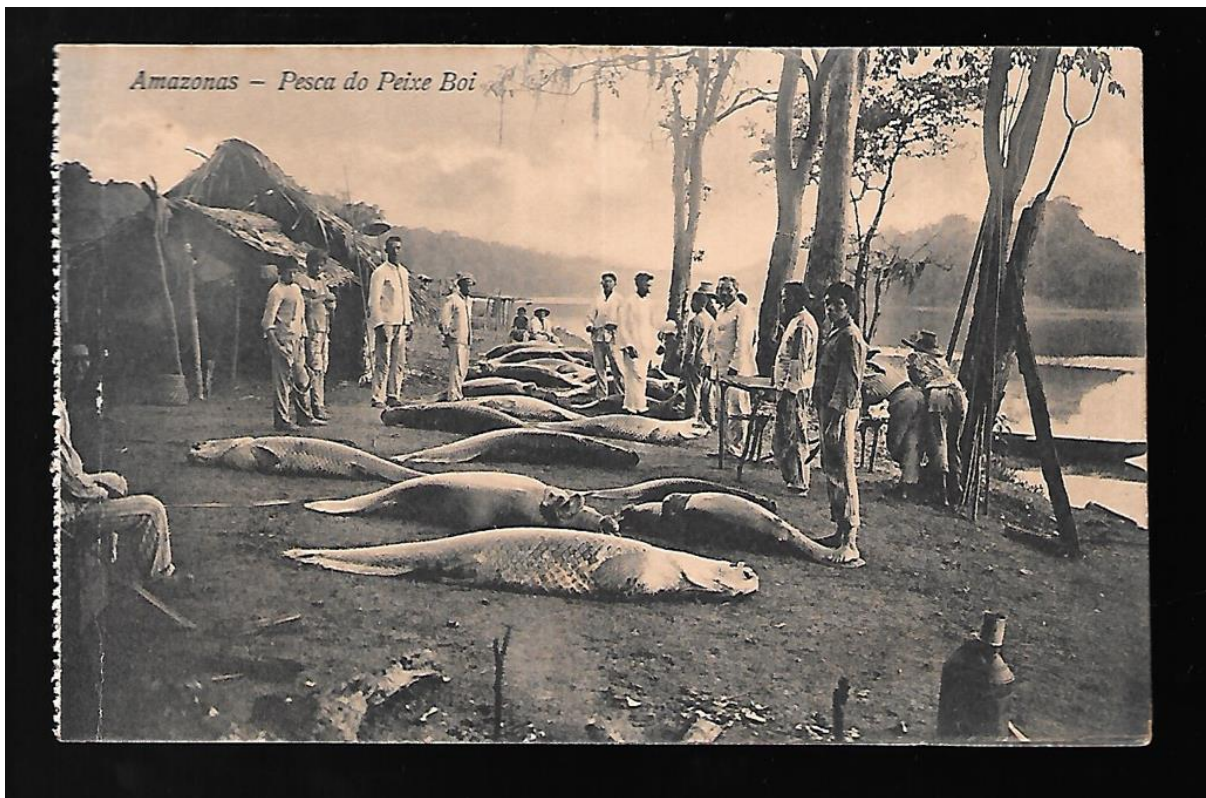
Assim mesmo aconteceu, quando a Europa conheceu visualmente a Amazônia através do filme '*No paiz das amazonas*' de Silvino Santos<sup>8</sup>, documentário com roteiro e uma narrativa elaborada para propagar uma ideia de 'jardim do Éden' aos europeus, mostrava a vivência na floresta contada pela visão do branco, do explorador, mas na visão do indígena, do serigueiro explorado, aquelas imagens teriam outros significados.

Fotogramas do filme foram transformados em cartões postais, expondo a matança do peixe-boi, com um significado de fartura, riqueza natural, exótica, que possibilitava a sobrevivência do homem da floresta; isso, nas primeiras décadas do século XX. Hoje, revendo os mesmos cartões postais, um outro significado é entendido; uma sensação de crueldade com a natureza, com o meio ambiente, uma pesca predatória, a luta pela sobrevivência do animal: peixe-boi. Esse longa metragem foi um grande sucesso no Rio de Janeiro na Exposição do Centenário da Independência, na capital federal em 1922.

---

<sup>8</sup> Silvino Santos (1886-1970), português radicado em Manaus, foi o pioneiro do cinema e da fotografia no Amazonas, estagiou nos estúdios da *Pathé-Frères* e dos irmãos Lumière em 1913. Tem sua importância por ter realizado sua obra morando em Manaus.

Imagem 13 - Fotograma do filme 'No paiz das amazonas' virou cartão postal.



Fonte: Souza (2007)

É notório que uma imagem de uma localidade nunca vista antes, pode revelar um mundo novo, tendo significados de acordo com o tempo e o espaço, porque deciframos e significamos, também, com a interferência de nossa cultura.

Temos exemplos em toda a história, desde as pinturas nas cavernas até a foto do homem na lua. Essa construção do significado, geralmente coletiva, pode também ser individualizada, dependendo da imaginação que é inerente ao ser humano.

Revelar significados através das imagens é preciso considerar a relação espaço/tempo e o meio ambiente onde a imagem foi gerada; estando fora da linha do tempo podemos observar dando outros significados, interpretando de acordo com o momento, encontrando elementos não pensados na época, assim acontece também com o desenho e a pintura. O simbólico e o imaginário estão sempre se relacionando durante as interpretações individuais.

Embora a fotografia seja estática, ela se insere na dinâmica de um olhar que segue na direção não apenas do passado, mas de uma transcendência. Barthes

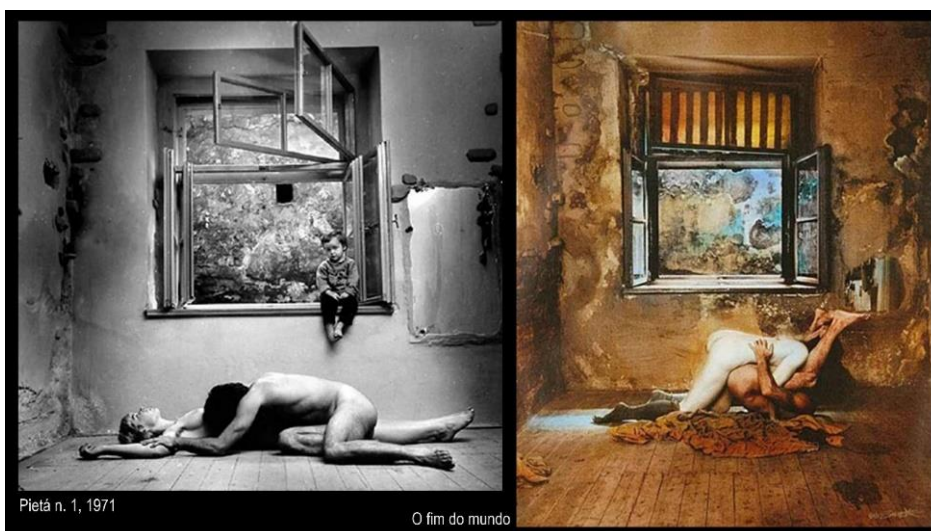
(1984, p. 37) acrescenta: “Nesse deserto lúgubre, me surge, de repente, tal foto; ela me anima e eu a animo. Portanto, é assim que devo nomear a atração que a faz existir: uma animação”.

Kubrusly (2006) comenta que o homem dá crédito ilimitado que concede à informação visual, como São Thomé: ‘só vendo para crer’, se cremos nas palavras é porque cremos em nossos olhos, cremos que existem coisas porque vemos e o que vemos é porque existem. Ilusões e alucinações, longe de destruírem nossa crença na existência de um mundo em si. Embora, muitas vezes, pôr o homem acreditar em seus olhos mais que em qualquer outro sentido, pode ser facilmente iludido por eles.

## 2.4 - A interferência da pintura na fotografia

Um processo muito utilizado após a popularização dos equipamentos fotográficos, principalmente com a evolução da tecnologia dos celulares, algumas fotos autorais tiveram interferências de pintura digital e algumas vezes após a impressão em papel ou mesmo em tela. Nada de novo, Jan Saudek<sup>9</sup> já apresentava nas décadas de 70 e 80, narrativas construídas através de representações obscuras, incômodas e únicas para os padrões da época. Não é por acaso que seu trabalho é reconhecido pelos mais importantes museus do mundo.

Imagem 14 – Interferência de pintura na fotografia. Autor: Jan Saudek (1971).



Fonte: <https://clickmuseus.com.br/a-complexa-natureza-humana-atraves-dos-olhos-de-jan-saudek/> disponível em 19/12/2022

<sup>9</sup> Jan Saudek é um fotógrafo checo conhecido por suas fotografias de estilo artístico e erótico. Nasceu em 1935, começa a trabalhar como fotógrafo em 1950 ao mesmo tempo que se inicia na pintura e desenho. Trabalha com situações inspiradas em filmes de Georges Méliès, fotografando conhecidos e familiares em situações fantásticas.

Jan Saudek tem um estilo único de fotografar janelas, muitas vezes utilizando-as como um elemento cênico em suas fotografias, as vezes como uma forma de criar um senso de isolamento e privacidade. As janelas também são usadas como uma forma de mostrar a relação entre o interior e o exterior, entre o privado e o público.

Com a tecnologia, o sistema operacional *Windows* permite que os usuários vejam e interajam com os aplicativos e arquivos em seus computadores. As janelas, como parte de uma casa, podem ser abertas, fechadas, redimensionadas e movidas de um local para outro, assim como as janelas do *Windows* podem ser manipuladas pelo usuário.

Além disso, assim como as janelas físicas podem ser organizadas em diferentes padrões para permitir diferentes níveis de luz e ar, as janelas do *Windows* também podem ser organizadas de diferentes maneiras, permitindo que os usuários vejam vários aplicativos e arquivos ao mesmo tempo. Por fim, assim como as janelas podem ser protegidas por cortinas ou persianas para aumentar a privacidade, o *Windows* também possui opções de privacidade e segurança para proteger o conteúdo do usuário.

No ano 2004 fiz alguns estudos baseados em fotografia com interferência de pintura e composição baseado nas janelas do *Windows*.

Imagem 15 – Fotografia, interferência de pintura e composição *Windows* (2004)



Fonte: Próprio autor.

A legenda ou o título na fotografia conceitual tornou-se importante, sendo um elemento construtivo da obra, muitas vezes descritivos, narrativos, irônicos ou mesmo poéticos e filosóficos, como nos mostra Evangelista (2017) numa exposição na Galeria de Artes da Universidade do Amazonas em agosto de 2005. Essa exposição foi intitulada 'Leituras Escatológicas' que fazia críticas à sociedade e ao homem em relação ao destino traçado no trabalho, na violência, na espiritualidade, nas relações diárias; segundo ele: "o inferno somos nós e os outros".

Minha experiência como observador me permite relatar aqui um dos quadros dessa exposição que era retangular e de madeira, seguia as dimensões da 'proporção áurea', era composto por bolinhas de pingue-pongue brancas pregadas e enfileiradas simetricamente na parte superior, tendo uma bolinha preta isolada na parte inferior direita que se destacava na leitura visual. A obra tinha o título: 'O anjo caído' - ora, sem o título o espectador teria mais dificuldade na compreensão.

Assim, quanto à denominação 'Sem título' pode indicar que as palavras são insuficientes, ou a imagem é capaz de tudo dizer. O título era importante para acompanhar como espectador, e entender a obra de Evangelista, ver além da janela/clareira aberta por ele.

A seguir comento mais sobre a obra de Roberto Evangelista.



### Capítulo 3: AS INFLUÊNCIAS E A FILOSOFIA DE EVANGELISTA

Voltando um pouco para a década de 1970, com a criação da Zona Franca de Manaus foi possível os artistas manauaras utilizarem materiais artísticos importados, valorizando e aumentando a qualidade técnica das obras. Nesse período, o mundo começava a olhar para a Amazônia com interesse e curiosidade, os pigmentos naturais que a floresta poderia oferecer e a cultura indígena, entre outros.

O debate no cenário das artes plásticas no Brasil sobre questões da exploração da Amazônia enfatizando o discurso ambiental foi antecipado por Roberto Evangelista na XIV Bienal de São Paulo em 1977, sendo percebido pelo cenário nacional e internacional como um artista cuja produção se constituía no campo de perspectivas da arte ambiental com preocupações socioecológicas, influenciando o movimento artístico local. Fui influenciado por essa temática e por esse meu amigo que sempre trazia orientações e motivação para o meu trabalho. A pedido dele, realizei alguns esboços esquemáticos para suas instalações, sendo para mim, motivo de valorização do meu traço, uma honra ter pelo menos a mínima participação e trocar ideias sobre sua obra.

Imagem 16 - Roberto Evangelista



Fonte: Próprio autor.

Vale destacar que nesse período os pintores paisagistas do Amazonas pintavam cenas 'clichê' com três planos distintos, talvez uma influência vinda do cinema? Do enquadramento da tela como janela? Inspiração das florestas africanas nos fotogramas dos filmes de Tarzan? Influência que aparece na pintura local, as paisagens amazônicas pintadas na década de 1980 pelos artistas plásticos amazonenses, como exemplo a obra do professor de desenho e pintura Anísio Melo<sup>10</sup> (1927-2010), um dos pioneiros no ensino de arte em Manaus.

Imagem 17 - Esquema dos planos na pintura de Anísio Melo.



Título: Paisagem Amazônica. Autor: Anísio Melo – 1983, Técnica: Óleo sobre tela.  
Fonte: Acervo do Hotel Aquarius (Eirunepé-AM)

<sup>10</sup> Anísio Thaumaturgo Soriano Melo, nasceu no Município de Itacoatiara, Amazonas, em 21 de junho de 1927, faleceu em 11 de abril de 2010. Artista plástico, músico, poeta, escritor, membro da Academia Amazonense de Letras.

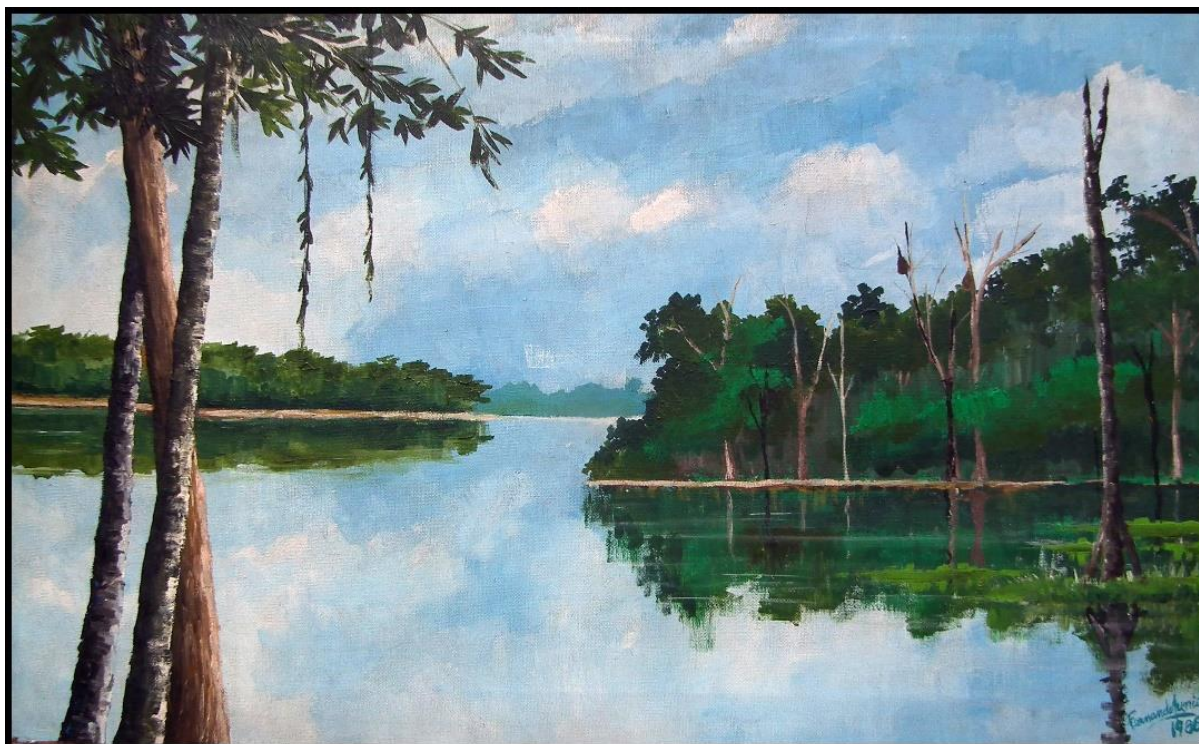
Naturalmente, também é importante citar essa influência nas minhas primeiras telas de paisagens amazônicas, com nenhuma finalidade de mensagem conceitual, a não ser sua própria contemplação, diferentemente do desenho técnico de arquitetura marcado pela preocupação com uma finalidade, explicar ou concretizar uma ideia ou ainda complementar um discurso sobre algo que queria transmitir, desenhos instrumentais, desenhos necessários devido a algo que lhes é anterior.

Imagem 18 - Paisagem Amazônica (1978).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Acrílica sobre tela, 500 x 780mm.  
Fonte: Próprio autor.

Imagem 19 - Paisagem Amazônica (1986).



Autor: Fernando Junior, Técnica: Acrílica sobre tela, 500mm x 780mm.  
Fonte: Próprio autor

Se desenhar é pensar, então Roberto Evangelista foi um artista conceitual que pensava e desenhava durante a concepção de suas obras nas instalações, nos vídeos arte e *happenings* em bienais nacionais e internacionais.

É recorrente em sua obra a essência simples da geometria sagrada, o círculo como origem de tudo, o triângulo e o quadrado, também a cuia usada pelo caboclo da Amazônia como elemento de variados significados, analogias e conceitos pertinentes em sua obra.

Momentos expositivos que colocaram em diálogo e circulação a obra do artista: o filme *Mater Dolorosa – in Memoriam II* foi premiado no V Salão Nacional de Artes Plásticas, da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE (1982), alcançando grande repercussão nacional e internacional, participou de diversas mostras, festivais e exposições em TV aberta. Em 2010 o filme retorna ao circuito da arte e volta a afetar interesse do público e crítica, sendo atual mais de trinta anos depois de sua realização, poetizando o olhar sobre a Amazônia e sua sobrevivência, devastações, massacres dos indígenas.

Ele considerava sua obra aberta, pública, franqueada para ser penetrada e assimilada, indo a onde o povo está, essa posição teórica o artista faz a respeito da arte que lhe é contemporânea. Afirma Evangelista (2017) que “tocar a essência e transmutar a paisagem interior de quem a vê, essa é a proposta da obra. Abrir clareiras no outro e abrir-se a si mesmo”. Filosoficamente mostra a essência do seu processo criativo.

A partir de 1970, se tornou membro do Centro Espírita União do Vegetal da qual se tornou mestre dirigente da congregação, o que fortaleceu sua relação com os povos da floresta e a percepção sobre a importância vital da natureza. Para ele a arte e a religião um dia será como os nossos antepassados praticavam “um só ritual num mesmo rito de formação do homem” (EVANGELISTA, 2017, p.195).

Ele tinha o conceito que arte e religião se fundem; em 1994 Roberto realizou no Centro de Artes Chaminé, em Manaus, uma instalação trazendo reflexões sobre os símbolos do cristianismo e seus mistérios a serem desvendados; uma charada onde o espectador procurava descobrir a simbologia do cristianismo oculta na exposição. O próprio título da mostra “A Paixão segundo Evangelista” trazia reflexões, abrindo as “clareiras”, as “janelas” para o visitante. A instalação ocupava todo os quatro salões do prédio histórico construído na época da belle époque. Logo na primeira sala intitulada “pedra angular” sugerindo um “jardim zen” do oriente, cinco composições feitas com pedras jacaré (comum no Rio Negro) e barbante, insinuando as linhas do jardim.

Imagem 20 - A Paixão Segundo Evangelista (1994)



Título: Pedra angular (Instalação). Fonte: Evangelista (2017)

Imagem 21 - Roberto instalando “as cuias” em New York City (1992).



Fonte: Evangelista (2017)

Vale destacar a interpretação de um aluno espectador que, em sua leitura, as pedras simbolizavam Pedro, apóstolo de Jesus, sobre ele a igreja foi edificada e as linhas do barbante representavam a expansão do cristianismo (como uma pedra jogada no rio) nos cinco continentes representados pelas pedras instaladas no chão.

Sem dúvida o pensar também é um desenho, o artista conseguiu seu objetivo abrindo “clareiras” nos outros, trazendo reflexões artísticas com um sentido simbólico e espiritual.

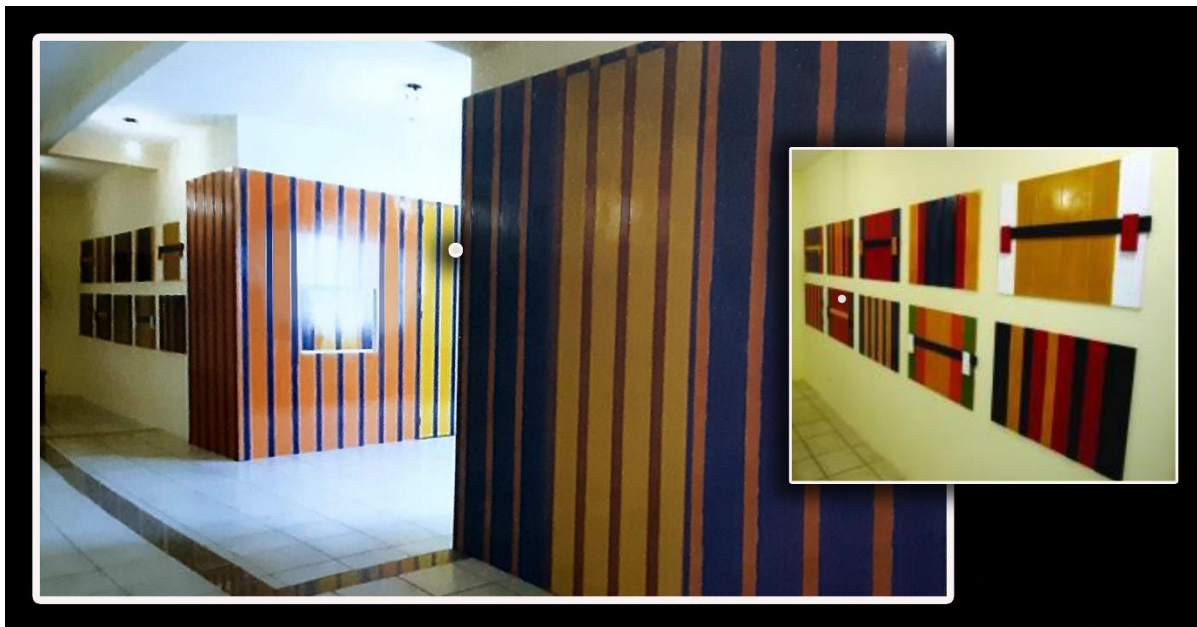
No ano 2006 a instalação artística intitulada “A cor do povo” na Galeria do Largo, em Manaus, foi uma homenagem cabocla a Piet Mondrian<sup>11</sup>, segundo o próprio autor. Arte popular, arte erudita, moderna ou de vanguarda tudo é expressão dos sentimentos de um povo, de um lugar, de uma consciência coletiva, de uma só cultura. Oscar Ramos (2017, p. 171) expressou: “Mondrian, relacionado ao comportamento amazônico nos faz muito compreender que a essencialidade do que é belo para no

---

<sup>11</sup> Pieter Cornelis Mondrian, geralmente conhecido por Piet Mondrian (1872 - 1944), foi pintor holandês modernista. Criou o movimento artístico neoplasticismo e colaborou com a revista De Stijl.

ar que respiramos e, para captá-lo dependemos muito mais de uma atitude instintivamente receptiva do que do raciocínio lógico. ”

Imagem 22 - “A cor do povo” de Roberto Evangelista na Galeria do Largo (2006).



Fonte: Evangelista (2017)

A referida instalação abriu clareias/janelas em mim, do olhar de algo não comum na arquitetura do Amazonas, passei a fotografar as janelas coloridas do interior, surgiram assim muitos estudos, pinturas digitais, tendo a fotografia como referência.

Em 2014, registrei no documentário “A cidade das cores alegres<sup>12</sup>” que mostra o gosto popular nas pinturas das casas na cidade Envira, localizada no meio da floresta amazônica, próxima da fronteira com o Estado do Acre.

O artista visual e dramaturgo da Academia Amazonense de Letras, Sergio Cardoso ressalta que a obra de Evangelista é o “sublime registro do artista cronista, que confere a erudição das leituras sobre a realidade visual da construtiva arquitetura de morar dos humildes”.

---

<sup>12</sup> A cidade das cores alegres” documentário com roteiro e direção do Fernando Junior, exibido no Cineteatro Municipal de Envira-AM em junho de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5uT2bwZomo&t=66s>

Ele acrescenta que a obra de Evangelista é um requinte de cores de quem nunca ouviu falar em Pieter Mondrian; inclusive explicou: “fazendo-nos seguir pelos interiores, além de plácidas linhas e baixos relevos das paredes existenciais manauaras” (CARDOSO, 2006).

Imagem 23 - Composição (Piet Mondrian-1921), pintura digital (Fernando Jr-2014)



Fonte: Próprio autor.

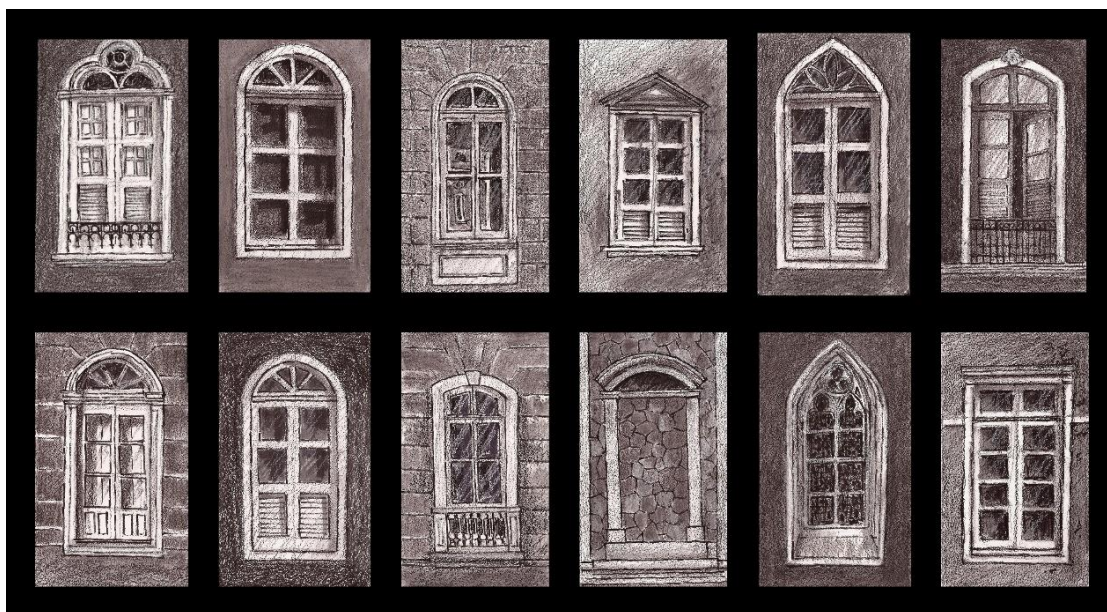
Imagem 24 - Registro fotográfico das janelas no município Envira-AM (2014)



Autor: Fernando Junior – Fonte: Próprio autor.



Imagem 25 - Janelas de Manaus. (2014).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Carvão sobre MDF. Fonte: Próprio autor.

Pelas janelas  
da alma avista-se  
o interior da casa?  
(EVANGELISTA, 2019, p.46)

Sendo os olhos o espelho do mundo, pois refletem no indivíduo o que há de material, mas o que é refletido tem o significado que o indivíduo decifra. Segundo Tiburi (2010) a imagem não existe fora do pensamento.

A imagem é uma manifestação do pensamento, nos invade a retina e desenvolve nosso corpo antes mesmo de nos povoar a cultura. As imagens mentais estão relacionadas com o inconsciente e com o consciente também, partindo do mundo sensível, adquirem forma e conteúdo próprios no inconsciente.

Os olhos são protegidos por pálpebras, as janelas são geralmente protegidas por cortinas ou persianas para evitar que a luz entre de maneira desnecessária ou para proteger a privacidade.

## Capítulo 4: ARQUITETURA DE MANAUS COMO SIGNO

Nas décadas de 1970 e 1980 a falta de consciência da valorização do patrimônio artístico cultural no Amazonas e a ausência de leis de proteção do mesmo, era comum no centro histórico, as fachadas dos casarões daquele período da *belle époque*, serem escondidas por placas comerciais de acrílico, ou mesmo mutiladas. Os vãos das portas estreitas eram alargados e as portas de ferro de enrolar eram uma opção durável e segura para substituir as portas de madeira em ambientes comerciais, também, por segurança, as tornavam resistentes a impactos e tentativas de arrombamento.

Era impossível desenhar de observação *in loco*, os antigos casarões, como registro arquitetônico ou documental de um passado, estavam escondidos pela publicidade e propaganda desordenada, poluindo visualmente a cidade. Então, tendo a fotografia como referência, executei uma série de desenhos em que o processo criativo iniciava em fotografar os antigos casarões e imaginar como eram originalmente, para depois no escritório/atelier, desenhar as fachadas, reconstruindo-as sem as mutilações, combinando o desenho de observação e a imaginação, recriando o cenário, a arquitetura esquecida, transformada e deturpada pelo progresso, foi um trabalho documental de um passado escondido.

Imagem 26 - Registro do esboço e a obra acrílica sobre papel finalizada (1979).



Autor: Fernando Junior. Fonte: Próprio autor.

Imagem 27 - Registro de detalhes arquitetônicos (2014).



Autor: Fernando Junior (2014); Técnica: Bico de pena. Fonte: Próprio autor.

Imagem 28 - Registro de detalhes arquitetônicos e a tela (2014).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Pintura digital impresso em tela (canvas). Fonte: Próprio autor.

Imagem 29 - Registro do esboço e a obra final (1999).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Acrílica sobre papelão reciclável. Fonte: Próprio autor.

#### 4.1 As novas tecnologias

No século passado houve uma rápida evolução tecnológica, e os artistas sentiram-se ameaçados profissionalmente com a evolução dos computadores e a disponibilidade no mercado. Uma adaptação rápida foi necessária, inserir o digital no processo criativo, antes totalmente analógico, manual; assim, idas e vindas entre ambos foi possível experimentar.

O fax (*facsimile*) é uma tecnologia de transmissão de imagens que foi amplamente utilizada a partir da década de 1980 para enviar documentos e imagens pelo telefone. Com o avanço da tecnologia da internet e a popularidade dos e-mails e outros métodos de compartilhamento de arquivos, o uso do fax foi declinando ao longo dos anos. Lembro quando meu filho (5 anos), derramou (por acaso) álcool em um papel térmico de fax. Percebi que estava ‘fazendo arte’: o álcool queimou o papel térmico e um efeito muito parecido com uma aguada em nanquim se apresentou! “É arte! ”. Usei a nova técnica do ‘acaso’ para ilustrar o livro SATORI de Luiz Bacelar<sup>13</sup>, uma pintura com álcool e papel de fax<sup>14</sup>. O acaso não está contido num sentido negativo, ideia de acidente, está para criação e não destruição. A habilidade é exatamente a arma que se pode ter contra o acaso, para garantir o alcance de um objetivo qualquer. A durabilidade de fixação da imagem nesse papel térmico é de no máximo 6 meses, portanto efêmera, então a necessidade da digitalização para ser perene, o análogo e o digital novamente no processo.

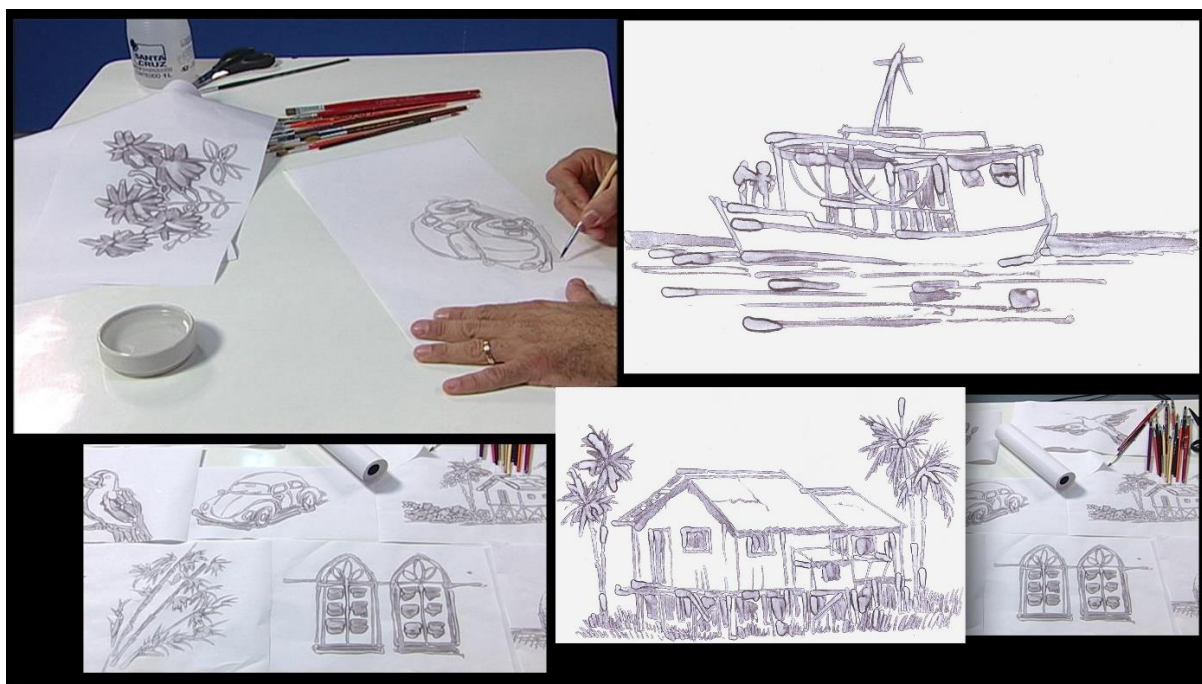
Após o ano 2000 surgiram muitos aplicativos para celular que permitiram criar desenhos e pinturas usando a tela do próprio dispositivo. Estes aplicativos, ainda hoje fornecem uma variedade de ferramentas de desenho, como pincéis, lápis e canetas, assim como camadas e opções de cor.

---

<sup>13</sup> Luiz Franco de Sá Bacellar (1928-2012), poeta amazonense. Considerado um dos poetas mais expressivos da literatura amazonense ganhou com sua estreia literária *Fruta de barro* o Prêmio Olavo Bilac da Prefeitura do Rio de Janeiro em 1959.

<sup>14</sup> Técnica descrita pelo próprio autor no programa Canal Verde do Amazonsat em 1999.

Imagem 30 - Desenhos com álcool sobre papel térmico (2009).



Autor: Fernando Junior. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9whUda69nhU&t=70s>

Uma nova série de pintura acrílica sobre papelão reciclável foi possível desenvolver com as embalagens de papelão do Distrito Industrial de Manaus que seriam descartadas. Por ser material útil como suporte para a pintura artística devido à sua durabilidade e facilidade de manipulação, além de ser um material ecológico, possibilitando sua reutilização.

As novas tecnologias facilitaram esses estudos preliminares, atualmente o próprio celular com seus aplicativos pode ser usado para registrar as primeiras ideias, pesquisar, sem interferir nos traços pessoais, individuais do artista. O 'espelho preto' segundo os *Baniwas*, agora 'janela aberta' para um novo mundo sem fronteiras.

Cito aqui uma experiência que resultou numa pintura acrílica sobre tela, além de estudos durante o processo criativo. Lembrando que, quando criança, observava a igreja católica de N. S. de Fátima localizada em Manaus com uma arquitetura que sua forma é semelhante a forma da cúpula do Teatro Amazonas, que é considerado um ícone das atividades culturais na cidade e um dos principais cartões-postais de Manaus.

Imagem 31 - Esboço digital pelo celular e a obra final análoga (2019).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Acrílica sobre papelão reciclável.  
Dimensões: 1.65 x 1.20 m. Acervo: Prof. Dr. João Gustavo Kienen. Fonte: Próprio autor.

Quando eu era criança via como algo semelhante na forma, conteúdo e função (arte e religião), uma visão de um templo religioso ou de arte, em quadros vitrais

menores com ênfase nas cores luso-brasileiro (da cúpula do Teatro Amazonas em relação às cores das bandeiras nacionais).

Imagem 32 – Igreja N.S. de Fatima nas cores da cúpula do Teatro (2021).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Bico de pena colorido digitalmente. Fonte: Próprio autor.

O Teatro Amazonas foi construído no final do século XIX, durante o período de grande prosperidade da região devido à exploração da borracha. Foi projetado pelo arquiteto francês Celestial Savery, que se inspirou em vários teatros europeus para criar um edifício luxuoso e imponente, contrastando com a cidade até os dias de hoje.

Imagem 33 - A Cúpula diluída em vitrais com as cores luso-brasileira (2021)



Autor: Fernando Junior. Técnica: Pintura digital. Fonte: Próprio autor.



No processo criativo para materializar essas visões, esboços e pinturas digitais surgem no fazer, a forma e as cores da cúpula em silêncio desvendam espaços, o europeu e o brasileiro, a miscigenação, o grafismo indígena nas formas geométricas, as telhas importadas em formato de escamas lembram os peixes dos rios da Amazônia, limita e funde o desenho com a pintura, com a arte, com a cultura e religião. A cúpula do Teatro Amazonas é um elemento arquitetônico que se destaca no céu da cidade, é um “ícone” do movimento cultural local, um “símbolo” da cultura amazonense, assim como as torres das igrejas são para a religião, a fé e a busca pelo altíssimo. Quando eu era criança, a cúpula iluminada, era a sinaleira de que “hoje tem espetáculo”, vista dos quatro cantos da cidade.

A imagem 35 nos mostra o resultado final - que foi um quadro usando a técnica ‘acrílica sobre tela’ com cores e geometria.

Em 2021, esse quadro participou de uma mostra coletiva de artes visuais em comemoração aos 125 anos do Teatro Amazonas - no Centro Cultural Palácio da Justiça em Manaus.

Imagem 34 – Cúpula (2021).



Cúpulas. Mostra Coletiva de Artes Visuais (125 anos do Teatro Amazonas). Centro Cultural Palácio da Justiça/Governo do Amazonas/Secretaria de Cultura

Autor: Fernando Junior. Técnica: Acrílica sobre tela. Dimensões:1000x1000mm. Fonte: Próprio autor.

## 4.2 O olhar ensina a pensar

A expressão 'ver a si mesmo, buscando compreender o mundo; e na sequência, ou por consequência, entendendo a si mesmo' serve para nos alertar de nossas potencialidades e as possibilidades de interferir no mundo.

Trazendo para nosso universo amazônico, existe a expressão muito usada pelo 'caboco' amazonense: 'Olha já!'. Exclamação que equivale aos significados: veja! Preste atenção!

Ter atenção no além do ver; atenção pelo olhar da consciência, com o olhar da 'janela da alma', que é uma metáfora entre arquitetura e o ser humano para expor o valor da visão, do olhar para pensar o mundo, do universo de cada um. O olhar ensina o pensar, o observador entra em si, sai de si pelo pensamento, olhar é visão, chave do sair e do entrar em si mesmo; podemos dizer que é a percepção da consciência, que é um atributo do espírito encarnado.

O homem é uma consciência encarnada num corpo humano não meramente natural, mas animado por uma consciência, e não uma consciência reflexiva pura, ou pensamento puro. O mundo é o lugar habitado por qualidades, temporalidade, afetividades, intersubjetividades na convivência com os outros de mesmas e diferentes espécies. Inventam-se linguagens, relações de convivência social, modos de construir coisas e de pensar sobre elas: homens são seres socioculturais. (JORGE, 2011, p.48)

Os olhos são o espelho do mundo, pois refletem no indivíduo o que há de material no mundo, mas o que é refletido tem o significado que o indivíduo decifra. É o indivíduo refletido nas imagens que captou, que já não são mais as mesmas; transformaram-se nas imagens que ele criou mentalmente. Para a professora Ana Maria Guimarães Jorge (2011) a sabedoria é alcançada por percepções, independentemente de seus objetivos e significados e percepções são os resultados dos processos psicológicos da significação e memória das experiências vividas, que organizam e integram as sensações.

Referente à analogia entre a janela e o olho, um é a janela do espírito por onde vemos parte temporal ilusória do mundo, o outro é o olho da casa pelo qual 'espiamos lá fora' um pedacinho delimitado do mundo, em silêncio desvenda espaços, limita, funde o bidimensional da moldura com o tridimensional externo. É um signo vazado do olhar, o interior e o exterior, um buraco na parede, o ar emoldurado pelas esquadrias. De dentro para fora e de fora para dentro, ilumina ou oculta o sujeito

dentro, expõe o sujeito fora, dialoga com o tempo e o espaço, mostra e delimita o campo de visão, expõe uma imagem no pensamento.

Visitando um prédio histórico (Centro Cultural Palácio da Justiça), que fica atrás do Teatro Amazonas, olhando pela janela avistei através dela a lembrança das ações que mirei e mais uma pintura digital sobre a fotografia feita somente no celular, o espelho preto abre a janela.

Imagem 35 - Uma visão da janela (2021).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Pintura digital. Fonte: Próprio autor.

## Capítulo 5: A MÚSICA COMO TRILHA SONORA GERADORA DO CONCEITO

Voltando um pouco ao passado, lembrando, reencontrei outros significados nas músicas como trilha sonora, encontros e despedidas, tudo tão novo e diferente ao ponto de achar interessante esteticamente a interferência do tempo na obra, a cor é sépia, como uma fotografia antiga, um documento, ao ouvir a música de Milton Nascimento e Fernando Brant:

Todos os dias é um vai e vem / A vida se repete na estação / Tem gente que chega pra ficar / Tem gente que vai pra nunca mais / Tem gente que vem e quer voltar / Tem gente que vai e quer ficar / Tem gente que veio só olhar / Tem gente a sorrir e a chorar.

E assim chegar e partir / São só dois lados da mesma viagem / O trem que chega é o mesmo trem da partida / A hora do encontro é também despedida / A plataforma dessa estação / É a vida desse meu lugar / É a vida desse meu lugar / É a vida. (BRANT, 1989, faixa 7)

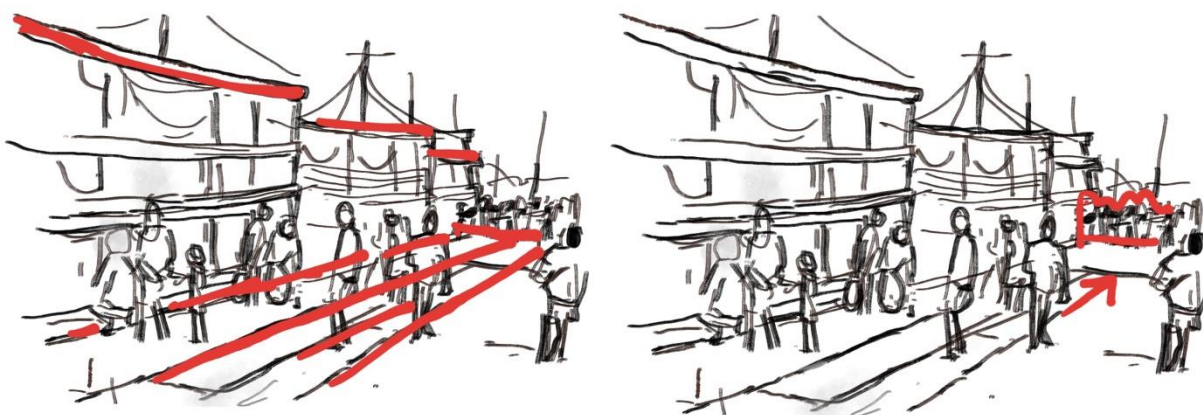
A música foi uma espécie de trilha sonora, descrevendo a imagem da estação, o porto de Manaus, chamamos de 'trem de rio' o motor de linha (barco de grande porte) que liga os municípios mais distantes à capital, também uma espécie de condutor de sonhos, quando o homem do interior parte para a Zona Franca de Manaus em busca de melhores dias, é assim a vida desse meu lugar, o trem que chega é o mesmo trem da partida. Mirar um desenho, uma pintura é como partir para uma viagem, lembrar os momentos vividos.

Imagem 36 - Encontros e despedidas / Porto de Manaus (1992).



Autor: Fernando Junior. Técnica: Aguada com nanquim e café, Dimensões: 490 x 340mm.  
Fonte: Próprio autor.

Imagem 37 - Esquema mostrando o direcionamento do olhar do observador.



Fonte: Próprio autor.

“Todos os dias é um vai e vem, a vida se repete na estação”. As linhas da perspectiva levam o olhar do observador para um ponto de fuga no infinito, dando ênfase a uma aglomeração de pessoas, provavelmente o momento da chegada ou partida de um motor de linha, porque o trem que chega é o mesmo trem da partida.

Observando detalhadamente o quadro, podemos ver que as laterais dos três barcos ancorados, são como janelas abertas que durante a viagem pelos rios da Amazônia, o viajante pode desfrutar da paisagem de terras caídas, céu e água, comunidades e fazendas, florestas virgens e igapós, toda natureza ao alcance do olhar, as janelas laterais do barco oculta o sujeito e a intimidade das redes penduradas no grande salão, mas dependendo do andar em que se encontra o sujeito, as classes sociais são reveladas.

A janela é por onde se olha a cidade como um texto. E o olho é o instrumento para olhar e por onde se olha, sem exigir a locomoção do sujeito do olhar ou que ele saia de si: o espírito é preservado dessa exposição. Ele olha sem expor o sujeito dessa ação. A visão é esse poder mágico que nos põe diante das coisas, ou as coisas ao alcance do nosso olhar. A janela oferece essa mesma proteção, a de poder ocultar o sujeito dessa ação. (JORGE, 1995, p.40)

Podemos também fazer diversas leituras das imagens dos figurantes/pessoas do povo que aparecem no quadro, como coadjuvantes da composição numa leitura

geral, mas ao individualizamos as pessoas ou mesmo os grupos de pessoas, podemos trazer novos significados através do sentir, dos sentimentos.

De acordo com Duarte Júnior (1988), o pensamento criador procura estabelecer novas relações simbólicas. Procura conectar as experiências vividas com símbolos que, anteriormente não apresentavam nenhuma relação entre si. O conteúdo da obra 'Encontros e despedidas' (Porto de Manaus) aqui abordado, passou a ser uma outra obra, se compreendida o processo de criação através de uma imagem valorizada pela letra de uma música de fundo, pelo sentir do interior.

Imagem 38 - Esquema das janelas laterais possibilitando o sujeito ficar oculto.



Fonte: Próprio autor.

Imagem 39 – Esquema: os novos significados trazidos pela letra da música.



*Tem gente que chega pra ficar*



*Tem gente que veio só olhar*



*Tem gente que vem e quer voltar*



*Tem gente a sorrir e a chorar*

Fonte: Próprio autor.

Segundo Ana Maria Guimarães Jorge, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, é interessante rever que, historicamente, o sistema óptico e o modelo epistemológico de geração de discursos, conhecimento e crenças vigente são reformulados e vinculados ao dispositivo da “câmara escura”. O sujeito seria uma câmara escura captando pelo olho, percebendo os fenômenos do mundo com racionalidade e raciocínio para alcançar um conhecimento seguro ao eliminar os enganos originados pelo sensível ou pelo que foi captado perceptivamente.

A janela é por onde se olha a cidade como um texto. E o olho é o instrumento para olhar e por onde se olha, sem exigir a locomoção do sujeito do olhar ou que ele saia de si: o espírito é preservado dessa exposição. Ele olha sem expor o sujeito dessa ação. A visão é esse poder mágico que nos põe diante das coisas, ou as coisas ao alcance do nosso olhar. A janela oferece essa mesma proteção, a de poder ocultar o sujeito dessa ação. (JORGE, 1995, p.40)

Explica o arquiteto Luís Antônio Jorge (1995), que a imagem é propriedade oculta e comum que se une olho, janela e espelho. O olho vê imagens, o espelho as

reflete e a janela as enquadra. Ampliando a metáfora da janela e do olho, hoje já não se oferece a proteção de ocultar o sujeito da ação. Nosso mundo contemporâneo diante da tecnologia de imagem eletrônica o sujeito passa da condição de observador a observado ou de espectador a espetáculo dada as novas tecnologias de registros e exibição. Aqui, podemos mais uma vez, destacar a expressão regional: 'olha já', você está sendo filmado! Nessa situação a janela agora é a câmera. Ou, sorria para um *self*, agora o próprio sujeito expõe sua intimidade para o lado de fora do vasto campo de visão, sem limites, sem controle através da rede mundial de computadores, a janela passa a ser o dispositivo móvel, a imagem é transmitida por linguagem computadorizada pelos dígitos um e zero, *bits e bytes*.

De acordo com a artista plástica Marcia Tiburi (2010) a imagem não existe fora do pensamento, é uma manifestação do pensamento, nos invade a retina e desenvolve nosso corpo antes mesmo de nos povoar a cultura. O pensamento é um processo de desenvolvimento cognitivo, enquanto a linguagem se dá no espaço social.

Sabemos que o olho humano é mostrado como um órgão limitado, sujeito a falhas, traiçoeiro e imperfeito nas suas observações, e a visão humana se torna, então, um âmbito falível. Sou dependente de óculos, embora já existe tecnologia aliada à medicina oftalmológica para minimizar essa dependência nos dias atuais, não sei se é por medo de uma cirurgia ou é realmente verdade a resposta que dou quando alguém pergunta o porquê ainda uso lentes respondo que como artista, gosto de tirar proveito quando estou sem os óculos, para ver o mundo como uma pintura impressionista com todas pinceladas e desfoques da limitação do meu olhar para posteriormente transferir a imagem para a tela ou papel.

Desenho é, pois, uma forma de pensar o mundo e de materializá-lo através das malhas das correlações entre os elementos que o formam. Estrutura o conhecimento visual e diagrama determinadas percepções com especificidade própria: desenhar é registrar, é anotar graficamente formas de observação, memória, razão, emoção e intuição. Essas formas são representadas num suporte plano, como folha de papel. (ARANHA, 2008, p.66)

Podemos aumentar nossa capacidade criadora na medida em que exercitamos o olhar do mundo, mas também se olharmos para dentro de nós? É mais fácil desenhar quando se sabe ver e olhar, aumentando a capacidade criadora? Essa



pergunta é extremamente importante no desenho realista para a maioria das pessoas como relata a professora de desenho Betty Edwards:

Acredito que a resposta a essa pergunta resida dentro de um paradoxo: não é tentando ser mais criativa que a pessoa se torna mais criativa, mas sim desenvolvendo mais essa parte da mente, o modo visual, perceptivo do cérebro, que está tão profundamente envolvido no pensamento criativo. (EDWARDS, 2002, p.240).

Então, o olhar de dentro para fora e de fora para dentro habilita ao artista visual melhor visualizar, enxergar, para poder se expressar através de sua arte grafada pelo desenho (lápiz, carvão, etc.) ou simplesmente pensada como conceito (arte ideia, conceitual) diante da sociedade contemporânea, pois pensar também é desenhar.

Desenhar não é exclusividade dos que fazem, mas também dos que são capazes de enxergar. Um desenho não revela apenas o autor em si, mas, sobretudo, mostra alguma outra coisa essencial e intrínseca ao próprio ser humano. Seria todo desenho uma forma de Evangelho? Um testemunho? (TIBURI, 2010, p.29)

Tiburi afirma que o desenho, ao contrário do que pensam muitos, não é uma ação das mãos, é uma ação do olhar, começa no saber ver, enxergar não sendo só uma questão de coordenação motora, mas de aprimoramento da percepção e da inteligência. No ato de desenhar o homem descobre que desenha. Assim podemos dizer que o desenho é reflexão sobre si mesmo, espécie de imagem do seu interior.

A psicóloga e arte-terapeuta Alexandra Duchastel (2010) afirma que em psicologia profunda, considera-se a alma como uma totalidade psíquica compreendendo o consciente e o inconsciente e seguir o caminho do imaginário é como participar de uma grande caça ao tesouro que leva ao centro de si, a busca constante do autoconhecimento.

Os deuses sempre expressaram suas vontades ou seus conselhos por intermédio dos sonhos. “Se há um profeta dentre vós, Eu, o Senhor, me farei conhecer a ele por uma visão, eu lhe falarei em sonho”. (DUCHASTEL, 2010, p.43)

Na antiguidade os povos originários praticavam rituais para induzir voluntariamente a aparição de certos sonhos criando, pela prece, pelo jejum, pela utilização de chás e ervas da floresta ou simplesmente pela sugestão psicológica.

Duchastel (2010) destaca igualmente a experiência de sonhadores célebres, artistas e cientistas, que involuntariamente encontraram respostas as suas buscas e preocupações através de sonhos. As imagens mentais estão relacionadas não só com o consciente, mas também com o inconsciente. Elas partem do mundo sensível para adquirirem forma e conteúdo próprios no inconsciente.

A poética do olhar através da janela expõe o equilíbrio de uma rede de duplicidades, ambiguidades, tramas duais, pares em oposição, dentro e fora, realidade e sonho, o consciente e o inconsciente, o visível e o invisível, construção e desconstrução de imagens, revela a intimidade do indivíduo.

## Capítulo 6: JANELAS CONCEITUAIS

*Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] E janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento [...] admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? [...] O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.*

Leonardo da Vinci

Segundo Shimoda (2009), pela janela de sua casa de campo em Le Gras, França, Joseph Nicéphore Niépce<sup>15</sup> fez a primeira fotografia em 1826, embora essa invenção não possa ser atribuída a uma única pessoa sem cometermos uma injustiça contra a história. “As referências do princípio óptico da câmara escura são encontradas desde a antiguidade, no século V a.C., tanto na China como Mo Tzu, como na Grécia, com Platão e Aristóteles” (SHIMODA, 2009, p.20).

Imagem 40 - Vista da janela em Le Gras, França (Niépce, 1826).



Fonte: Shimoda (2009)

---

<sup>15</sup> Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) foi um inventor francês responsável por uma das primeiras fotografias. Foi o primeiro a encontrar uma maneira de fixar uma imagem produzida por uma câmara escura, utilizando betume da Judeia como a substância fotossensível (heliografia).

A ideia simbólica da janela está sempre presente quando se trata de ‘olhar além’, ‘olhar através’. O mito da caverna de Platão pode ser interpretado como uma descrição da câmera escura, assim como esta pode ser interpretada como uma câmera fotográfica atual, todas com abertura para entrada da luz, como janelas, assim como nossos olhos, a janela da alma.

É muito comum a analogia entre a janela e os olhos, ambos são meios pelos quais podemos ver o mundo, mas também têm uma função de filtro, já que a janela pode bloquear alguns tipos de luz, enquanto os olhos filtram a luz e os estímulos visuais que chegam ao cérebro. Além disso, assim como a janela pode ser aberta ou fechada, os olhos podem ser fechados para evitar a exposição à luz e para descansar.

A tão comentada e já conhecida ‘regra dos terços’, que consiste na interseção das linhas de grade, são pontos de ouro, de destaque, pontos importantes para a composição de uma imagem, uma janela para a percepção do fotógrafo, o display da máquina fotográfica é uma janela com a grade dando melhor visão ao externo enquadramento.

No ano 2010 o paulistano radicado em Nova York Vik Muniz<sup>16</sup>, depois de escolher e fotografar o verso de quadros famosos, estudou-os durante seis anos, cada detalhe foi transposto, inclusive as lascas nas madeiras das molduras. O espectador via o verso dos quadros famosos, como se estivesse entrando na intimidade de um Van Gogh, ou de um Leonardo, ao visitar a mostra.

Segundo Belting (2017) foi Leon Battista Alberti<sup>17</sup> quem transpôs a antiga metáfora do olho como ‘janela da alma’ para o quadro, que ele descreveu como uma janela. Em 2015, na pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo (MASP), os cavaletes de vidro projetados pela arquiteta Lina Bo Bardi<sup>18</sup>, como expositores para algumas das pinturas mais valiosas, retornam em uma exposição no segundo pavimento do museu. Sendo assim, o espectador viaja através da janela, que passa a ser a própria obra enquadrada pela moldura, mas também possibilita entrar na intimidade do artista e visualizar, através da transparência do vidro, o verso da pintura, visão do interior da

---

<sup>16</sup> Vik Muniz (Vicente José de Oliveira Muniz), Artista brasileiro, nascido em São Paulo, no dia 20 de dezembro de 1961. Formou-se em Publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, em São Paulo. Em 1983, mudou-se para Nova Iorque.

<sup>17</sup> Leon Battista Alberti (1404-1472) foi um arquiteto, teórico de arte e humanista italiano. Ao estilo do ideal renascentista, foi filósofo da arquitetura e do urbanismo, pintor, músico e escultor.

<sup>18</sup> Achillina Bo, mais conhecida como Lina Bo Bardi (1914 — 1992), ítalo-brasileira, naturalizada no Brasil após a segunda guerra, foi uma importante arquiteta modernista no Brasil.

obra, o cavalete por trás, uma invasão da privacidade do autor, mostrando o dentro e o fora da janela, o quadro está suspenso no ar.

Imagem 41 - Exposição 'Verso' de Vik Muniz.



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/vik-muniz-verso-galeria-fortes-vilaca/>. Acesso em 22/09/2021

Imagem 42 - Expositores de vidro (janelas mostrando frente e verso).



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/778475>, Acesso em 23/06/2022

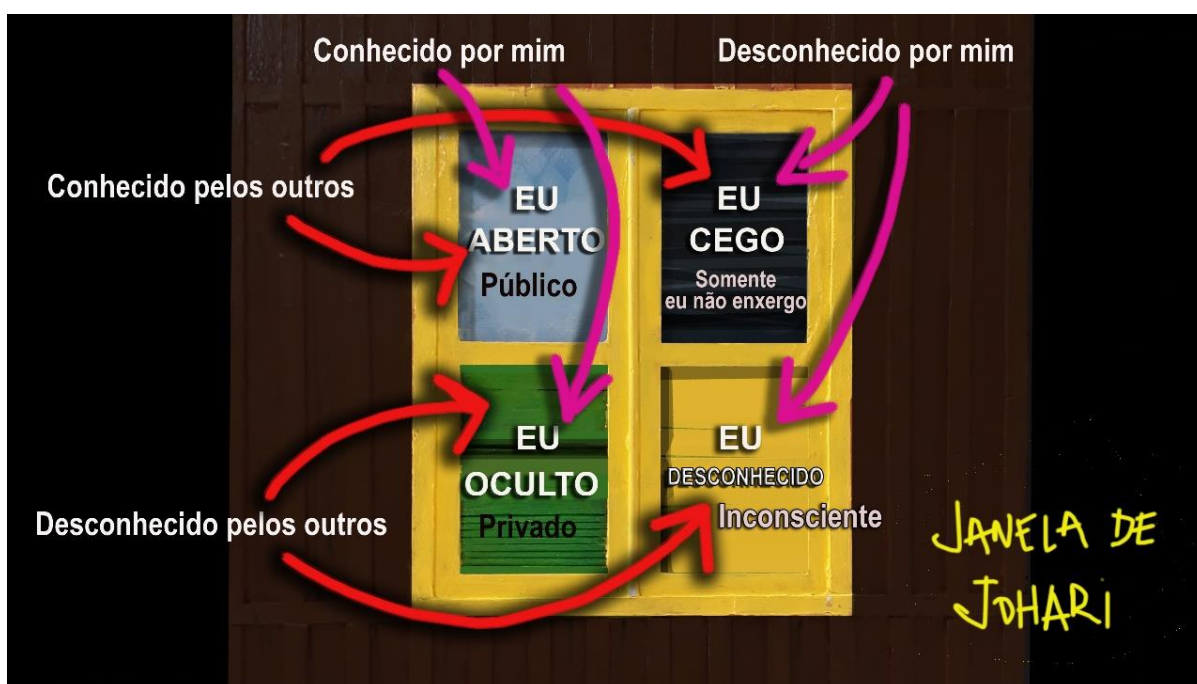
## 6.1 A Janela de Johari

A Janela de Johari<sup>19</sup> é uma técnica de comunicação e auto-conscientização desenvolvida em 1955, por Joseph Luft (1916-2014) e Harry Ingham (1916-1995). Segundo CARMO (1998) é uma ferramenta psicológica usada para explorar a consciência de si mesmo e a percepção de outras pessoas a seu respeito.

Para uma melhor compreensão visual foi usada a analogia de uma janela dividida em quatro vidraças (quatro quadrantes), correspondente a personalidade de uma pessoa, que representam diferentes aspectos da autoconsciência e da consciência dos outros. Esses quadrantes são:

- Conhecido por si e por outros (aberto);
- Conhecido por si, mas desconhecido por outros (oculto);
- Desconhecido por si, mas conhecido por outros (cego);
- Desconhecido por si e por outros (inconsciente-desconhecido).

Imagem 43 - Esquema da Janela de Johari.



Fonte: Fritzen (1992)

O objetivo é ajudar as pessoas a compreender e melhorar a comunicação com os outros, bem como aumentar a autoconsciência, também se pode conhecer e

<sup>19</sup> A palavra Johari tem origem na composição dos prenomes dos seus criadores: Jo (seph) e Hari (Harrington).

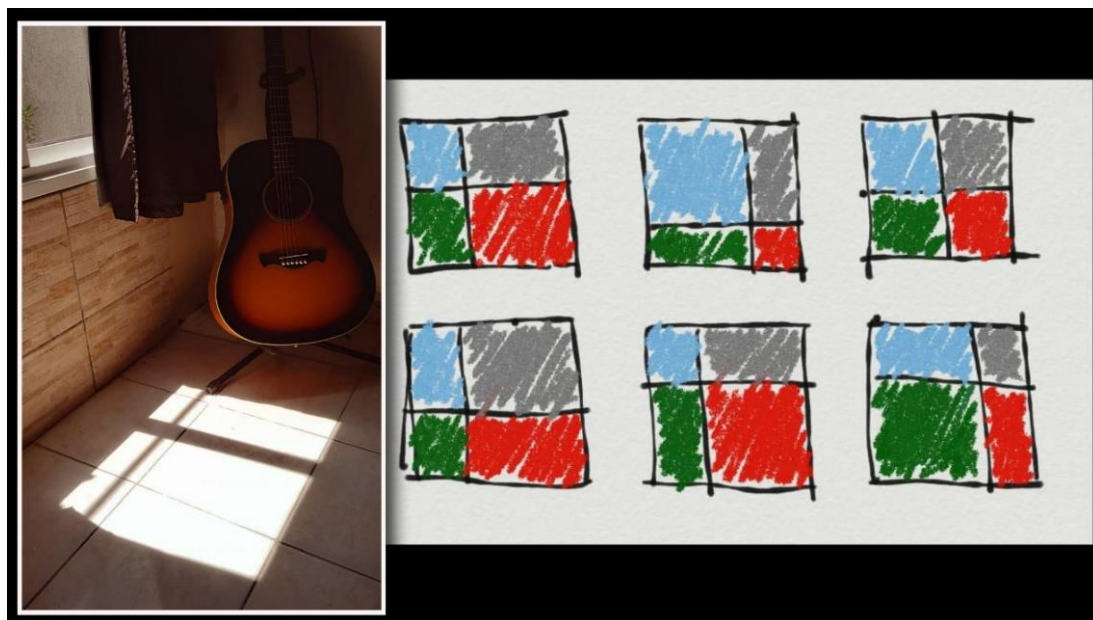
implementar o processo de *feedback* e a capacidade de abertura nas relações interpessoais.

A comparação com um quadro artístico é apropriada, pois ambos representam uma moldura para a percepção e interpretação. Assim como o artista escolhe o que incluir em seu quadro, a pessoa escolhe o que revelar sobre si mesma aos outros.

Através de um questionário composto por uma série de afirmações sobre a personalidade e comportamento de uma pessoa, que deve ser avaliada por ela mesma e por pelo menos outra pessoa que a conheça bem.

Os questionários geralmente incluem uma lista de 10 questões com duas opções de respostas, que podem incluir afirmações como 'Eu sou uma pessoa reservada' ou 'Eu sou propenso a ficar com raiva facilmente'. As respostas a essas perguntas são geralmente classificadas nas quatro categorias das vidraças. A partir dessas respostas, é gerado um gráfico que representa a janela de Johari, que ilustram as informações conhecidas e desconhecidas sobre a personalidade e comportamento de uma pessoa. É uma maneira de ajudar a pessoa a compreender melhor seu relacionamento consigo mesma e com os outros, e a trabalhar em direção a uma maior autoconscientização.

Imagem 44 - Exemplos de possibilidades de diferentes gráficos



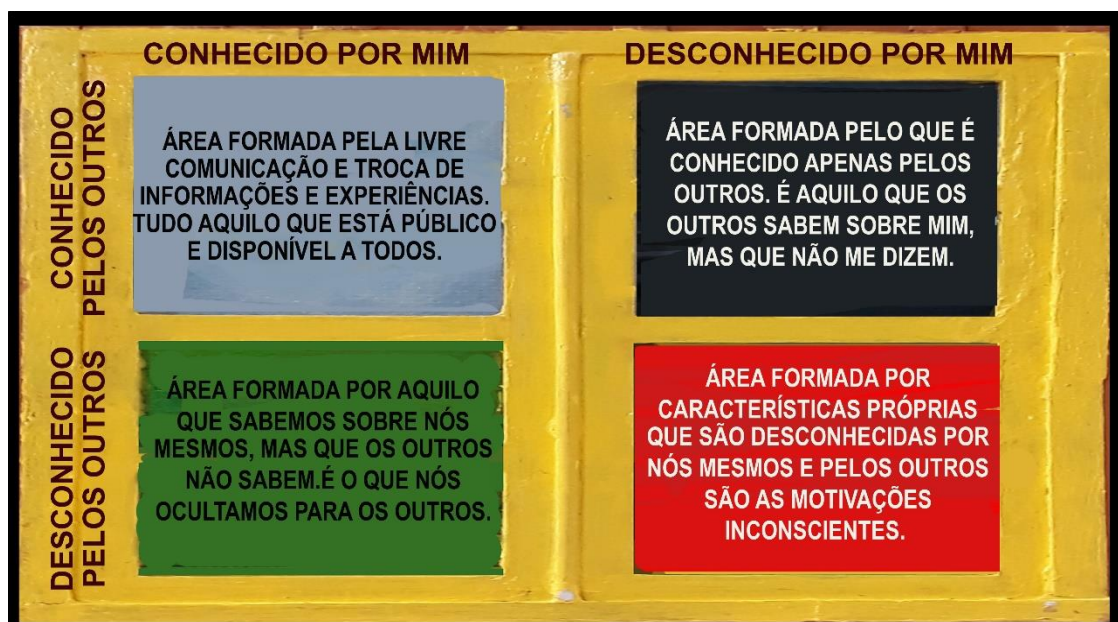
Fonte: Próprio autor.

O gráfico do questionário da Janela de *Johari* usa formas geométricas para representar os quatro quadrantes da ferramenta: as informações conhecidas por si e por outros, as informações conhecidas apenas por si, as informações conhecidas apenas por outros e as informações desconhecidas por si e por outros. Cada quadrante é representado por uma cor ou padrão único, tornando fácil identificar e comparar as informações. Essa tabela gráfica pode ser comparada, por exemplo, a um quadro abstrato geométrico de Piet Mondrian em vários aspectos. Ambos utilizam formas geométricas simples e cores para representar informações complexas de maneira clara e fácil de entender.

Dependendo das respostas do questionário de cada indivíduo, o gráfico se apresenta com suas vidraças ocupando espaços diferentes na janela, maiores ou menores de acordo se a pessoa é mais ou menos aberta, oculta, cega ou inconsciente.

Assim como a luz do Sol ocupa os espaços internos da casa, projetando os quadrantes, das vidraças, em diferentes tamanhos, mudando constantemente de acordo com o movimento da Terra, dentro de um tempo e espaço, também o ser estará sempre sujeito as transformações interiores.

Imagem 45 - Detalhamento explicativo das vidraças.



Fonte: Fritzen (1992)



Em resumo, a tabela gráfica do questionário da Janela de Johari e um quadro abstrato geométrico compartilham a utilização de formas e cores para representar informações complexas de uma maneira fácil de entender. Ambas as ferramentas fornecem uma maneira de visualizar e interpretar informações de maneira acessível e atraente.

## 6.2 A vidraça do “Eu oculto” passa a ser o “Eu aberto”

Ver não é o mesmo que olhar, é entender, compreender pela janela mental, é ver além do visível. Pude compreender melhor esse sentido privilegiado da visão, essa ‘janela da alma’, quando realizei uma exposição individual em 2014 na Galeria do Largo, em Manaus, ‘Registros Urbanos’ onde tive a oportunidade de inovar com inclusão de ferramenta de acessibilidade para deficientes visuais, embora não se tratasse de uma abordagem da obra em si, mas uma descrição dos desenhos e das pinturas em áudio gravado, utilizando tecnologia para permitir a quem não enxergasse pudesse ter acesso a exposição.

Imagem 46 - Exposição na Galeria do Largo com audiodescrição.



Fonte: Nathalie Brasil / AGEKOM

Os quadros foram submetidos à técnica da audiodescrição, recurso em áudio no qual as características da obra eram detalhadas por um especialista. O conteúdo ficava armazenado em equipamentos que reproduziam o som com descrição para os visitantes. Era possível saber detalhes de cor, textura e formato da obra, que era um resgate arquitetônico do centro histórico de Manaus, os costumes, as moradias populares das palafitas nas margens do Rio Negro, mas era impossível que o visitante deficiente visual pudesse abordar a obra com tanta clareza, apesar de toda tecnologia,

seu olhar e entendimento dependia muito da imaginação e do áudio gravado, pelo especialista, para abrir a janela mental. Foi possível haver o *feedback* entre o artista e o espectador deficiente visual, o “Eu oculto” do artista passou a ser o “Eu aberto” para o espectador.

### **6.3 A vidraça do “Eu aberto” e a do “Eu cego”**

Vejo que uma abordagem a uma obra de arte requer pensar o momento histórico, com isso teremos o pensamento social de época, a cultura predominante e todo o simbolismo empregado, a tecnologia usada e o material disponível naquele momento; o suporte, as tintas e os recursos técnicos usados pelo artista.

Mas tem algo importante: a emoção e os sentimentos do espectador no momento do olhar. É como ver pela manhã os primeiros raios de sol entrar através da moldura do quadro retangular chamado de janela, essa emoção e sentimentos depende do momento em que o indivíduo se encontra consigo mesmo, o mesmo raio de sol pode transmitir sensações diferentes dependendo do estado emocional do observador, o estado de espírito.

A Galeria do Largo localizada em frente ao símbolo máximo da arquitetura e cultura do Amazonas, o Teatro Amazonas, no Largo de São Sebastião, cujo piso de mosaico criado com granitos portugueses que causa polêmicas entre os historiadores, as ondulações bicolores são mesmo uma homenagem aos rios amazônicos ou seria uma cópia do calçadão carioca da praia de Copacabana. Historiadores apontam que o calçamento já existia em Portugal bem antes de Manaus (1901) e de Copacabana (1922).

Para os manauaras, interessa que os mais de 3.478,04 metros quadrados de pedras em forma de mosaico, com desenho que simboliza o encontro das águas (barrentas do Rio Solimões com as águas negras do Rio Negro), para juntos fazerem nascer, dessa união, o imenso Rio Amazonas que desagua no Oceano Atlântico.

Em um evento musical no Largo de São Sebastião, que é a praça em frente ao Teatro Amazonas e à referida galeria, um grupo regional cantou a música intitulada “Argumento” (não mate a mata), do compositor amazonense Adelson Santos; daí surgiu a ideia para uma intervenção na Galeria do Largo com o mosaico simulando o encontro das águas entrando literalmente nessa galeria, no piso de todos os ambientes da exposição.

O material aplicado para essa interferência foi adesivo plástico nas cores preto e branco de sobras de gráficas, que talvez iriam parar no lixão ou no próprio Rio Negro,

um reaproveitamento do material, um pensar e pisar sobre as águas. Relacionando com a “janela de Johari” a intervenção no piso mostrava o “Eu aberto”, de conhecimento do público manauara.

A música motivadora da ideia foi gravada em 1980, um vinil compacto simples tendo no lado “A”, na letra “Argumento” (não mate a mata), uma temática que fala sobre o Encontro das Águas a devastação das florestas tropicais, segundo o próprio autor (SANTOS, 2012, p.167):

Em questões de Solimões fundamental / É saber que o negro não se mistura com amarelo / É saber que o negro não se mistura com amarelo / Não mate a mata / Não mate a mata / A virgem verde bem que merece consideração / Mas a virgem verde bem que merece consideração.  
(SANTOS, 1980, Compacto Simples, lado A)

Interessante o ‘argumento’ do autor que resolveu substituir recentemente o ‘que’ por ‘onde’ (em uma nova versão atualizada), na frase: “É saber *onde* o negro não se mistura com o amarelo”, em virtude de polêmicas raciais atuais; como já foi comentado no item 2.3, sobre revelar significados através das imagens, é adequado considerar o espaço-tempo, o meio ambiente onde a imagem foi gerada. Estando fora dessa linha do tempo pode-se interpretar outros significados, o tempo pode transformar uma frase que foi aceitável no passado em uma frase que é percebida como preconceituosa no presente. Foi somente através do *feedback* do público de uma nova geração que o compositor pôde abrir a vidraça do ‘Eu cego’, atualizando a letra para um novo contexto, uma nova realidade.

Os valores e as atitudes da sociedade podem mudar ao longo do tempo, e o que era considerado aceitável em um determinado momento pode não ser mais tão aceitável no futuro. Com o passar do tempo, e a evolução das atitudes em relação a esses temas, algumas expressões passaram a ser vistas como inaceitáveis e preconceituosas.

Imagem 47 - Esquema da execução da ideia (2014).



Fonte: Próprio autor.

Imagem 48 - Interferência na Galeria do Largo (2014).

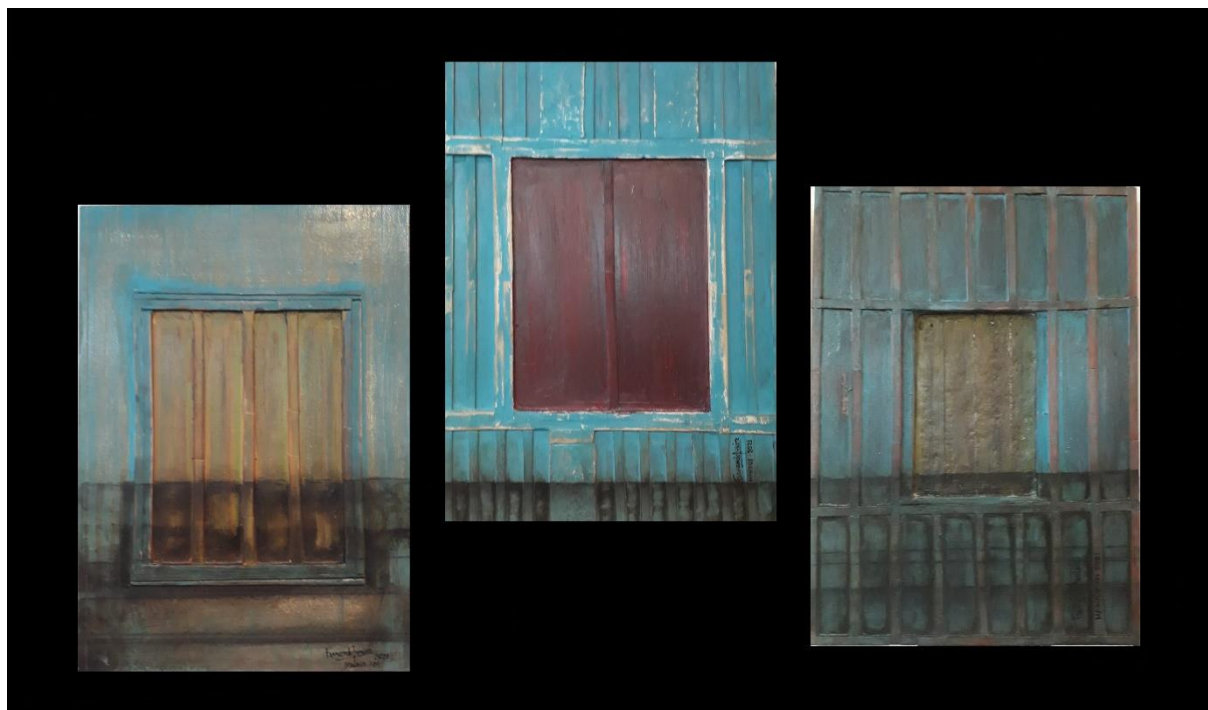


Fonte: Próprio autor.

O tempo das águas comanda o homem da Amazônia, faz o destino. As cheias do Rio Negro estão superando as cotas recordes com uma frequência maior do que o esperado. Em 2021, o rio atingiu a marca de 30,02 metros, no dia 16 de junho, o maior registro já feito desde o início da medição, em 1902. A música intitulada 'Tempo destino' de Nilson Chaves e Vital Lima inspirou a criação da obra registrada na imagem 50.

Há entre o tempo e o destino / Um caso antigo, um elo, um par / Que pode acontecer, menino / Se o tempo não passar? / Feito essas águas que subindo / Forçaram a gente a se mudar / Que pode acontecer, meu lindo / Se o tempo não passar? (CHAVES, 1999, faixa 3)

Imagem 49 - Marcas do que se foi (a maior enchente do Rio Negro em 2021)



Autor: Fernando Jr. Técnica: Acrílico sobre Duratex.  
Fonte: Acervo do Governo do Estado/Secretaria de Cultura

#### 6.4 A vidraça do “Eu cego” do artista aberta por um *feedback*

Muitas vezes o prazer estético no processo do fazer era maior do que o resultado final, assim aconteceu durante a pandemia em 2020, a necessidade me fez descobrir um novo processo de criação através das tecnologias que tanto nos afastava, pois foi o meio pelo qual nos aproximou durante o isolamento social.

Ficou bem evidente através do uso de *lives* por cantores e compositores

através de diversas plataformas, inclusive a educação remota, e as artes visuais o crescimento de galerias de arte e exposições virtuais.

Assim surgiu um trabalho em artes visuais com um processo criativo *online*, com a tecnologia potencializando a percepção de uma janela aberta para o mundo, os telespectadores interagindo com o artista, um *feedback* durante o ato da criação.

Com a música sempre presente, recebi um áudio contendo a interpretação de Evangelista sobre a letra de uma música, pouco conhecida dos anos 70, que trazia uma mensagem bem atualizada para aquele período de pandemia em Manaus, como o dilúvio no passado, a falta de ar nos fez lembrar, de que “a humanidade repete as mesmas falhas cometidas antes do dilúvio, pouco se aprendeu... a luta pela competição, pelo que é supérfluo, pelo poder material”, segundo Evangelista sobre o trecho da música “A Montanha” de Rubinho e Mauro Assumpção:

Já é tempo, já é hora / dessa gente acordar / todos os andares / toda a habitação / transportando pro universo / nova civilização / pela janela eu posso ver / mais uma construção / outro edifício nova habitação” (ASSUMPÇÃO, A montanha; faixa do LP, 1972)

Após o dia 13 de março de 2020, o primeiro caso confirmado no Amazonas, na capital Manaus, o primeiro caso de coronavírus, era uma mulher de 39 anos que havia retornado de Londres, Inglaterra. Em 24 de março, a primeira morte causada pelo novo coronavírus confirmada em Parintins/AM, um homem de 49 anos, portador de hipertensão arterial sistêmica. Em 30 de março, a segunda morte confirmada no Estado, a primeira em Manaus. Na Universidade Federal do Amazonas passamos a ministrar aulas através da janela virtual usando o sistema operacional Windows (traduzindo: janelas) e o *Google Meet*.

Lembrei então dos indígenas da etnia *Baniwa* no município de São Gabriel da Cachoeira, em que traduziam para sua língua, televisão como “janela para o mundo” e celular como ‘espelho preto’, faz sentido o olhar através da janela tecnológica, sendo o espelho que reflete o mundo virtual.

Durante o isolamento social, no ato de revisitar as discografias do passado, na minha janela mental em que o mundo estava acelerado, havia alguém pedindo para desacelerar ou mesmo parar; assim, Silvio Brito, cantor e compositor de música popular brasileira, pede que parem o mundo que ele queria descer:

Pare o mundo que eu quero descer / Que eu não aguento mais escovar os dentes / Com a boca cheia de fumaça / Você acha graça porque se esquece Que nasceu numa época de conflitos entre raças / Para o mundo que eu quero descer / Que eu não aguento mais tirar fotografia pra arrumar meus documentos / É carteira disso, daquilo que até já amarelou minha certidão de nascimento / E ainda por cima tem que pagar pra nascer / Tem que pagar pra viver / Tem que pagar pra morrer [...] (BRITO, 1976)

E o mundo parou. Nesse mesmo sentido, o pensador indígena Ailton Krenak afirma que a Terra, a Gaia, é um organismo vivo e está dando um alerta para entendermos que precisamos de mudanças urgentes:

E eu tenho visto uma certa relação desse fenômeno do Coronavírus de tirar o ar da gente, fazendo a gente ficar sem respiração, como um aviso que, agora, alguns de nós estamos ficando sem ar. E a gente morre se ficar sem ar, mas Gaia, organismo vivo que é o Planeta, pode estar dizendo para a gente: “Vocês não me escutam, não é? Eu vou desligar alguns de vocês para ver se vocês entendem o que estou falando. Eu tenho o sentimento de que a Terra está desligando milhões de nós agora para ver se a gente entende. Se a gente não entender, ela pode decidir que vai desligar todo mundo. Desliga uma criancinha que nasceu hoje de manhã, e desliga um ancião de 80, 90 anos, sem nenhuma cerimônia. (KRENAK, 2020, p.22)

Em 21 de março de 2020, o governador do Amazonas, determinou o fechamento de bares e restaurantes em todo o estado para conter a propagação da pandemia. Então, foi quando lembrando de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) em seu *best seller*, o pequeno príncipe: “Fiquei muito sozinho, sem ter quase ninguém com quem conversar”... desenhei desenhos, aquele ato que é verbo e substantivo ao mesmo tempo, o desenho da paisagem através da janela:

O ser humano é o animal que desenha e que, no ato mesmo de desenhar, descobre que desenha. Deste modo, o desenho é reflexão sobre si mesmo, espécie de filosofia. Separados dele, ou inconscientes dele, me parece justo dizer o mesmo que podemos dizer da filosofia: se você não pensa, alguém pensará por você; tanto quanto: se você não desenha, alguém desenhará por você. Todo filósofo é, neste sentido, primeiro um desenhista em potencial. Assim como o desenhista, ele se especializa no olhar. (TIBURI, 2010 p.51)

Ouvindo a música intitulada Paisagem da Janela, canção que faz parte do álbum intitulado Clube da Esquina (LP lançado em 1972), com melodia de Lo Borges, e letra de Fernando Brant, traz a mensagem da época, bem atual nesse tempo de recolhimento:

Da janela lateral do quarto de dormir / Vejo uma igreja, um sinal de glória / Vejo um muro branco e um voo pássaro / Vejo uma grade, um velho sinal / Mensageiro natural de coisas naturais / Quando eu falava dessas cores



mórbidas / Quando eu falava desses homens sórdidos / Quando eu falava desse temporal / você não escutou / Você não quer acreditar / Mas isso é tão normal / Você não quer acreditar [...]

Segundo a revista folha de São Paulo (8 de abril de 2002), Brant escreveu a letra quando morava na casa de seus pais, em Belo Horizonte. Faz uso da metalinguagem para falar de si mesmo dentro da canção, assim também acontece com o desenho e a pintura.

Seguir o caminho do imaginário é como participar de uma grande caça ao tesouro que leva ao centro de si. Cada imagem encobre uma quantidade de indícios que alinham o caminho de individuação e diz, se prestamos bastante atenção nela, onde colocar o próximo passo. Como na natureza, onde cada coisa acontece a seu tempo, a aventura de maturação e de realização pessoal é um processo em constante evolução. (DUCHASTEL, 2010, p.100)

Seguindo esse caminho do imaginário, falando de coisas naturais, homens sórdidos e dessa tormenta social, Brant é o próprio portador da mensagem: “Mensageiro natural de coisas naturais; quando eu falava dessas cores mórbidas; quando eu falava desses homens sórdidos; quando eu falava desse temporal; você não escutou, você não quer acreditar; mas isso é tão normal, você não quer acreditar”.

Assim como o ato de olhar e ver para fora o visível, desenhar também é um ato de ver o invisível, que alguns podem chamar de imaginação, mas isso é tão normal e vocês não querem acreditar quando eu falava desses homens sórdidos (os militares no contexto político de 1972, hoje os negacionistas em 2021), quando eu falava desse temporal (na época a ditadura militar, hoje a pandemia), é preciso desenhar? Para ver o invisível? Continuando com a metáfora da imagem da janela:

A imagem é propriedade oculta e comum que une olho, janela e espelho. O olho vê imagens, o espelho as reflete e a janela as enquadra. Conexão triangular e metafórica, manipulada pelo Renascimento na sua missão histórica de fazer da representação espacial seu material artístico. Era o momento ideológico, filosófico e cientificamente propício para introduzir o espaço em um plano pictórico de duas dimensões. Leon Batista Alberti foi o responsável pela sistematização dos conhecimentos matemáticos responsáveis pelo surgimento da perspectiva – palavra latina que significa “ver através”. (JORGE, 1995, p.46)

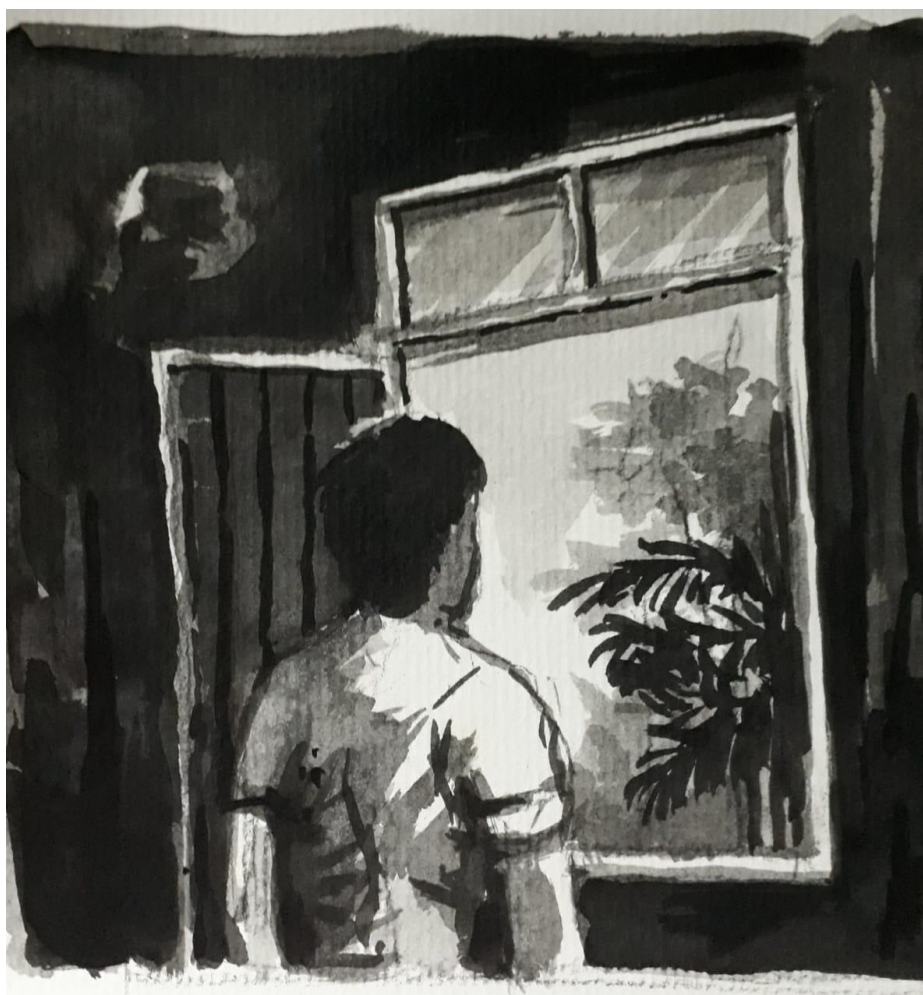
Na metáfora da janela, usando o *Google Meet* como a própria, e conectando amigos espalhados pelo Brasil, separados no tempo e no espaço, dirigidos através da minha oralidade e das imagens enquadradas em reuniões virtuais, gerou em mim um novo processo criativo para alguns desenhos e pinturas digitais.

Além dos desenhos, eu produzi um vídeo documental mostrando o processo que está disponível no canal do *Youtube*<sup>20</sup>. Evangelista esclarece mais sobre a metáfora da abertura de janelas ou clareiras, como diz:

Tocar na essência e transmutar a paisagem interior de quem vê, essa é a proposta da obra. Abrir clareiras no outro e abrir-se a si mesmo – as funções místico-místicas do artista. Somos feitos de fragmentos do outro, pois do céu viemos e o inferno somos nós e os outros. (EVANGELISTA, 2017, *In*: Araújo, p.195)

Nos relatos ficou visível o céu e o inferno, a esperança e o medo em nós, num período que dividiu a história em antes e depois do covid19.

Imagem 50 - Através da janela (2021).

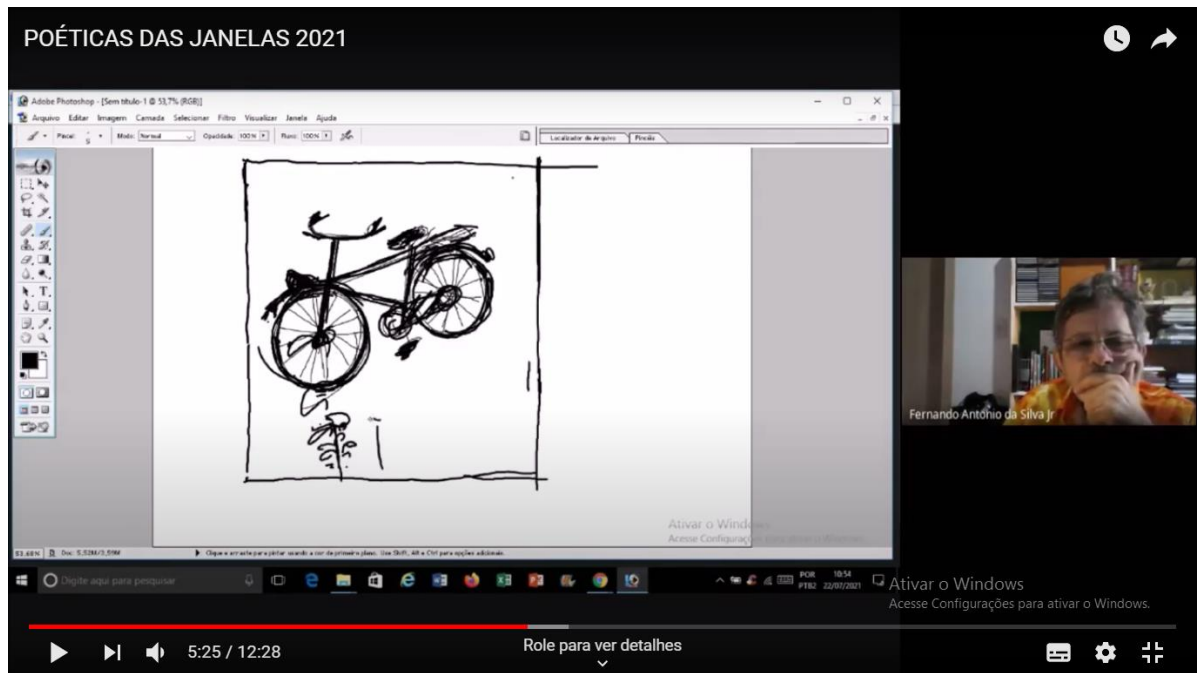


Autor: Fernando Junior. Técnica: Aguada com nanquim (durante uma *live*). Fonte: Próprio autor.

---

<sup>20</sup> Vídeo “Poéticas da Janela” mostrando o processo criativo está disponível em <https://youtu.be/BvfOpk9pHRA>

Imagem 51 – Desenhando digitalmente em tempo real enquanto ouve relatos.



*Fotoprint* do autor. Fonte: Próprio autor.

Imagem 52 - A bicicleta na janela (2021).



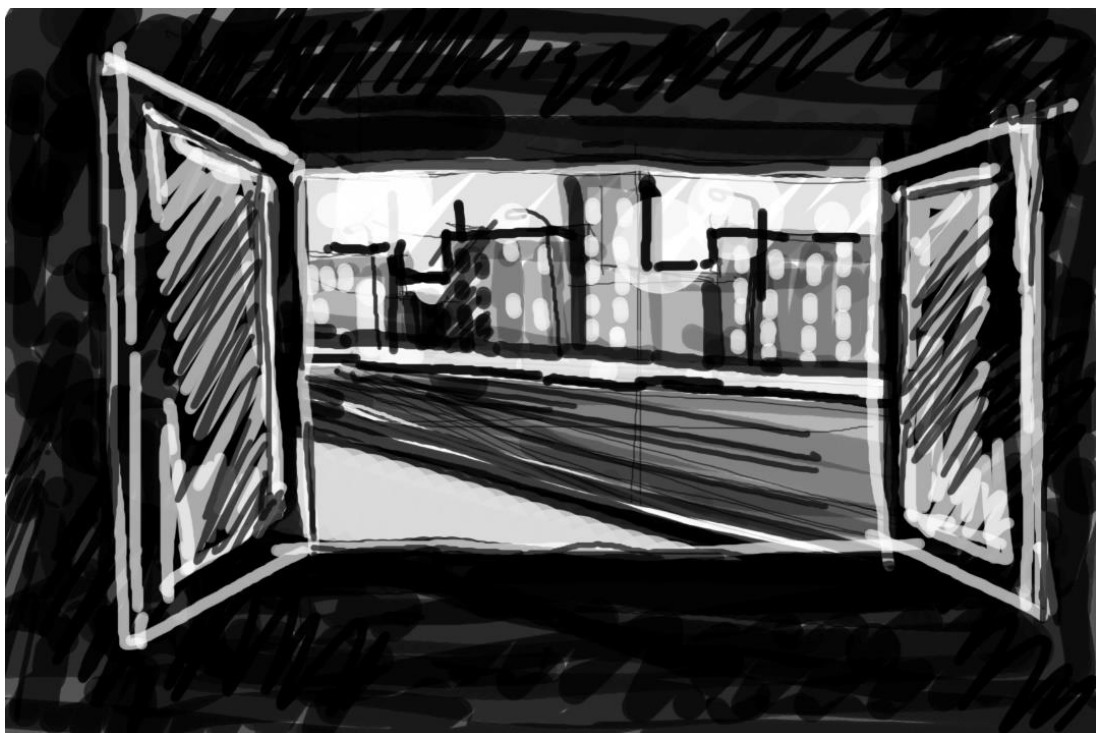
Autor: Fernando Jr. Técnica: Desenho digital durante uma *live*. Fonte: Próprio autor.

Imagem 53 - O processo durante relatos da cidade vista da janela.



*Fotoprint* do autor. Fonte: Próprio autor.

Imagem 54 - A cidade deserta (2021).



Autor: Fernando Jr. Técnica: Desenho digital durante uma *live*. Fonte: Próprio autor.

## 6.5 Proposta de uma exposição/instalação

Considerando os argumentos apresentados até aqui proponho algumas possibilidades da montagem de uma exposição/instalação.

A sugestão é elaborar uma instalação artística que utilize câmeras e monitores como janelas para o mundo, criando uma experiência visual e sensorial única para o público.

Uma instalação artística que use a 'janela' como analogia de 'abertura' para novos conhecimentos perceptivos pode ser uma oportunidade única para os alunos de artes visuais explorarem novas ideias e técnicas artísticas, bem como refletirem sobre o papel da arte na sociedade contemporânea.

Algumas obras podem envolver o espectador emocionalmente, criando uma conexão emocional com a obra. Isso pode ser feito através da utilização de cores, luzes, música, texturas e outros elementos sensoriais que afetam a percepção do espectador, criando uma resposta emocional que conecte o espectador com a obra.

Com o uso crescente da tecnologia, podemos criar cada vez mais obras interativas que utilizam realidade virtual, realidade aumentada e outras tecnologias para envolver o espectador em mundos virtuais. Essas obras podem permitir que o espectador explore ambientes virtuais, interaja com personagens virtuais ou manipule elementos da obra através de uma interface digital.

Algumas sugestões de como os alunos de arte podem tirar proveito dessa experiência:

**Observação e percepção:** os alunos podem ser convidados a examinar cuidadosamente a instalação e refletir sobre o que ela representa em termos de "abertura" para novas perspectivas e formas de ver o mundo. Eles podem ser incentivados a examinar a instalação de diferentes ângulos e distâncias, a fim de obter uma compreensão mais completa da obra de arte.

**Técnicas artísticas:** essa instalação pode inspirar os alunos a experimentar novas técnicas artísticas, como pintura, desenho, fotografia, ou até mesmo escultura, que utilizem a "janela" como metáfora. Por exemplo, eles podem criar uma série de obras de arte que usem a janela como um elemento visual dominante, ou experimentar com diferentes cores, formas e texturas que evocam uma sensação de abertura e expansão.

**Discussão crítica:** pode ser usada como ponto de partida para uma discussão crítica sobre a arte contemporânea e a relação entre arte e sociedade. Os alunos podem ser convidados a refletir sobre como a instalação se relaciona com questões sociais e políticas, ou a explorar o papel da arte na mudança social.

**Colaboração e criação coletiva:** a instalação pode ser usada como base para projetos de colaboração e criação coletiva. Os alunos podem trabalhar juntos para criar obras de arte que explorem a ideia de "abertura", utilizando a instalação como ponto de partida ou como inspiração.

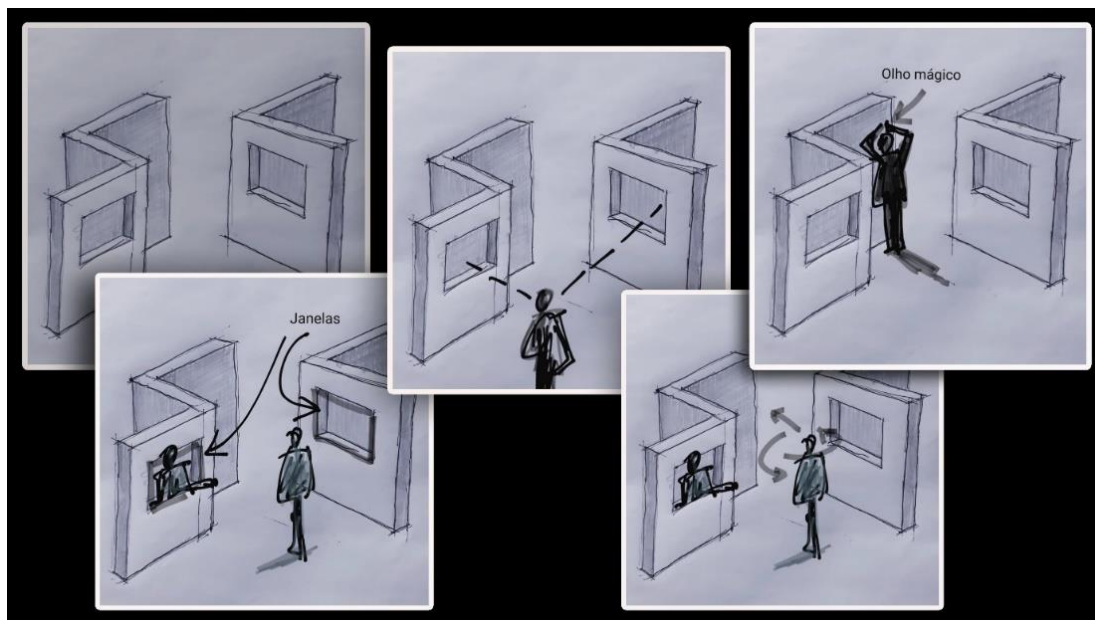
Em resumo, pensando na continuidade, devemos aprimorar os processos constantemente, pois a velocidade do desenvolvimento tecnológico, da comunicação e o dinamismo que envolve a arte, nos mostra a necessidade de filtrar o que se aprende e produzir cada vez mais.

Deverá ser montada em recinto fechado com controle de luminosidade, temperatura e som ambiente.

### Descrição dos painéis:

- Os painéis podem ser fabricados em papel reaproveitado ou compensado (ou similar) – preferencialmente pintados em cor neutra; alguns painéis serão vazados simulando janelas, conforme a imagem 56;
- Olho Mágico – do mesmo modo que é usado em portas de residências, será instalado, pelo menos um, planejado adequadamente para despertar a curiosidade do observados.

Imagem 55 - Possibilidades dos painéis na instalação



Fonte: Próprio autor.

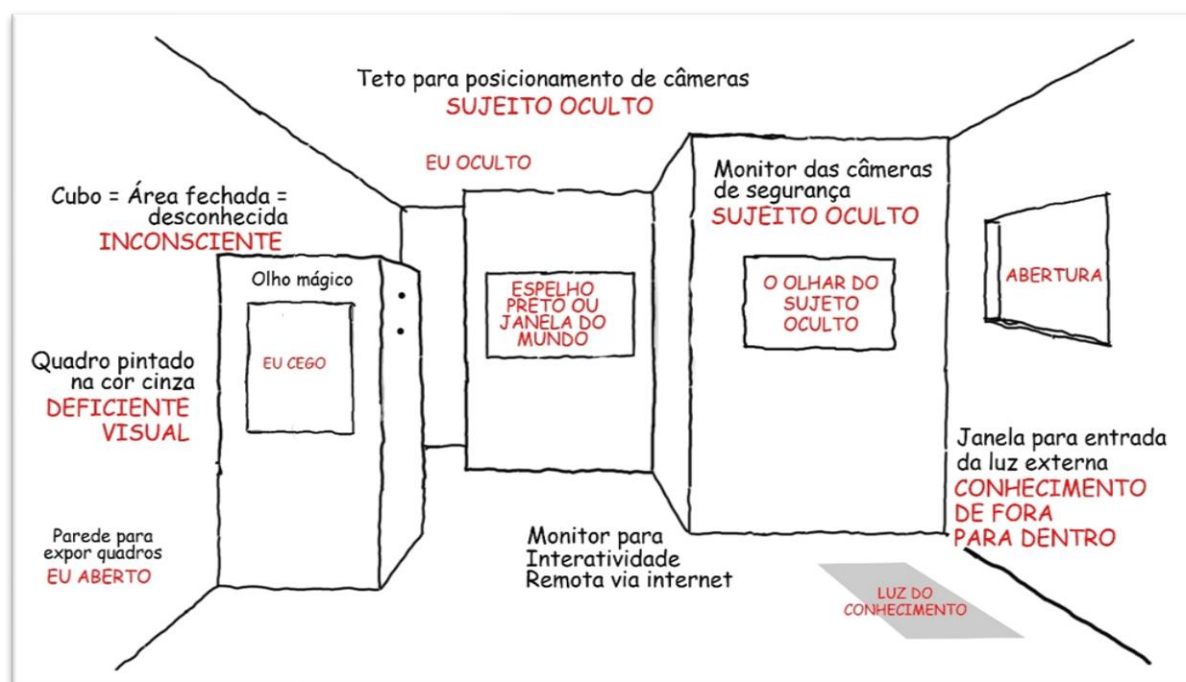
Deverão ser instaladas, pelo menos, quatro câmeras de segurança no teto, que serão visualizadas em um monitor afixado no painel – como se fosse um quadro que possibilitasse o espectador se ver como parte da obra.

Um outro monitor, com acesso à internet, deverá ser instalado em outro painel para possibilitar a interatividade do artista (autor da exposição) com os visitantes presenciais.

Também haverá um quadro, pintado em cor cinza, afixado em um painel (com nenhuma ilustração) para audiodescrição das possíveis imagens mentais do artista transcritas em gravações de áudio para deficientes visuais.

Em um dos painéis haverá uma abertura, semelhante á uma janela, por onde passará a luz (LED com sensor de presença) que será projetada no piso. Conforme a imagem 60.

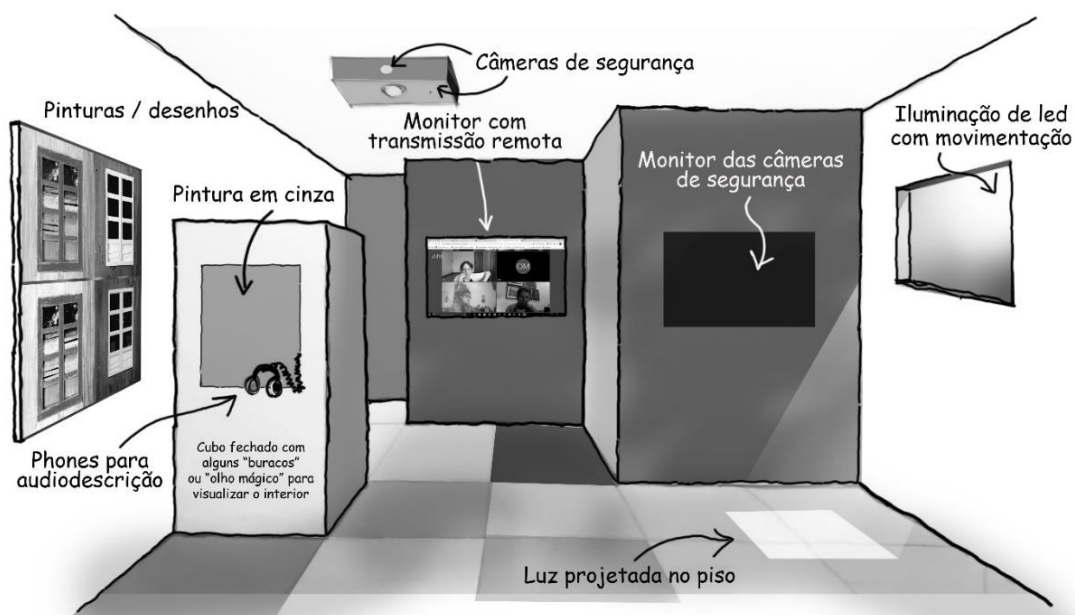
Imagem 56 - Possibilidades das mensagens na instalação



Fonte: Próprio autor.

Obviamente, haverá quadros (desenhos com carvão, bico de pena, nanquim, aquarelas, acrílica sobre tela) expostos em alguns painéis e nas paredes nuas, conforme está sugerido na imagem 63.

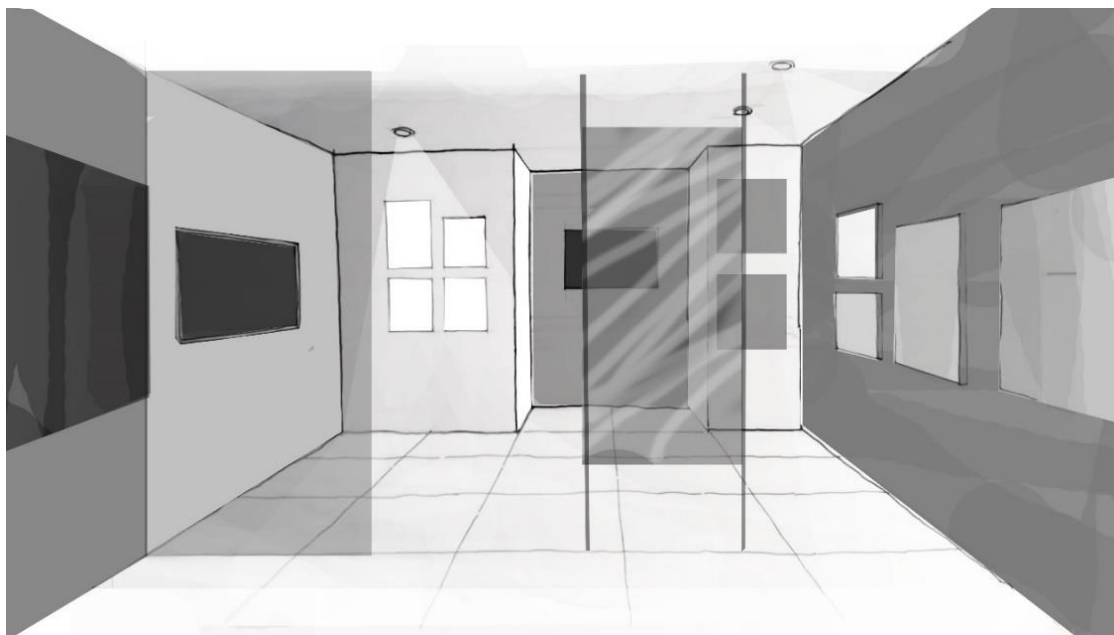
Imagem 57 - Esquema de algumas possibilidades da instalação.



Fonte: Próprio autor.

Alguns quadros poderão ter os suportes transparentes – para possibilitar a melhor transparência do Eu aberto.

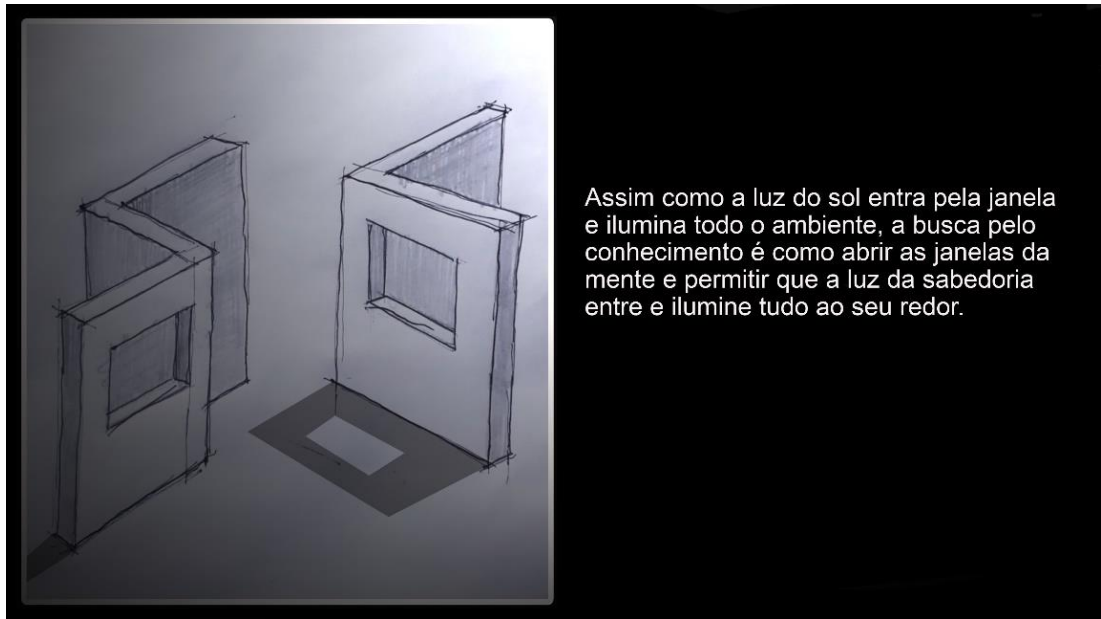
Imagem 58 - Expositores e quadros transparentes / Eu aberto.



Fonte: Próprio autor.



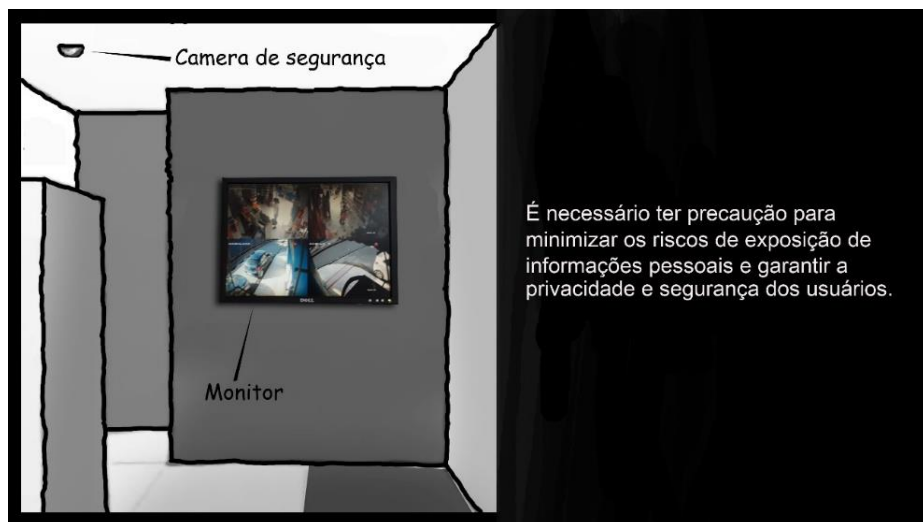
Imagem 59 - Luz LED simulando a luz do sol



Fonte: Próprio autor.

À medida que a luz do sol ilumina cada canto da sala, o conhecimento ilumina cada aspecto de nossa vida, revelando novas perspectivas, ideias e entendimentos que antes estavam escondidos na escuridão. E assim como a luz do sol aquece e dá vida a todas as coisas vivas, o conhecimento também nutre e enriquece nossa mente, nosso espírito e nossa alma, nos dando as ferramentas para enfrentar os desafios da vida e crescer como seres humanos.

Imagem 60 - Possibilidade do uso de câmeras de segurança como suporte.



Fonte: Próprio autor.

Imagem 61 - Possibilidade de interação com o artista via internet.



Fonte: Próprio autor.

Imagem 62 - Três janelas e três versos (2020)



Fonte: Próprio autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a janela e o quadro artístico, aqui usados como conceitos para o processo criativo em poética visual, não é nenhuma novidade, pois, frequentemente ocorrem essas comparações. Ambos funcionam como ‘aberturas’ para a percepção e interpretação do mundo e do autoconhecimento.

Este estudo foi pautado na metodologia exploratória, buscando a poesia de composições musicais, alusões e indicações dentro de outros estudos e obras. O processo criativo em poética visual envolveu a escolha cuidadosa do que foi e ainda poderá ser mostrado, tanto na janela quanto no quadro em que a interpretação do espectador também desempenha papel importante na construção do trabalho.

Constatamos que esta pesquisa é apenas uma parte desse assunto, pois, com a rapidez da evolução tecnológica, surgirão novas formas de se fazer comparações com os olhos e a percepção: janelas físicas e virtuais, imagens, câmeras, monitores, quadros artísticos, etc. Precisamos continuar a descobrir novas maneiras de explicar o percebido no universo humano.

Em resumo, pensando na continuidade desta pesquisa, é recomendável aprimorar os processos constantemente, pois a velocidade do desenvolvimento tecnológico, da comunicação e o dinamismo que envolve a arte, nos mostra a necessidade de filtrar o que se aprende e produzir cada vez mais.

A exposição que eu proponho pode servir para aumentar o engajamento do público, utilizando tecnologias interativas, aumenta o interesse e engajamento com o tema abordado. A utilização de tecnologias de comunicação pode permitir que os visitantes interajam com os objetos expostos de uma maneira mais completa, por exemplo, por meio de áudios explicativos, vídeos, imagens em alta resolução, entre outras possibilidades.

A audiodescrição, por exemplo, pode tornar a exposição acessível a pessoas com deficiência visual, enquanto o uso de tecnologias de comunicação pode permitir que visitantes que não estejam presentes fisicamente na exposição tenham acesso ao conteúdo.

Os objetivos foram alcançados analisando que ao propor uma mostra com possibilidades de tirar proveito da tecnologia como meio facilitador da interatividade entre o artista e o público, principalmente o meu público alvo: os alunos de artes visuais, encontrei questões relativas à contemporaneidade no meu trabalho.

Avalio que esta pesquisa tem boa relevância social; assim, almejo que tenha retorno positivo para a sociedade que investe em instituições de ensino.

Por fim, considerando que a Universidade é estruturada pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão – sinto-me à vontade em revelar o quanto percebo que melhorei como professor, pesquisador e artista – que acredito ser o principal objetivo deste programa de mestrado.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS (Estado). **Centro de Artes Chaminé**, Jair Jacqmont (org.). Catálogo da exposição inaugural, Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado de Cultura, 1993.

\_\_\_\_\_. **Circuito de artes visuais**. VIANA, Cleia, (org.). Catálogo de exposições, performances e graffiti. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado de Cultura, 2017, 96 p., 28cm., ill., color.

\_\_\_\_\_. **Pinacoteca 50 anos. Diálogos de gerações**. Catálogo de coletiva de artistas. (edição português e braile). VIANA, Cleia (Coord.), Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado de Cultura, 2017, 67 p., 28cm., ill., color.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Cultura - SEC. **Pinacoteca do Amazonas 50 anos**, Manaus: Edições Governo do Estado / Reggo Edições, 2016.

ARANHA, Carmen Sylvia G. **Exercícios do olhar: conhecimento e visualidade**, São Paulo, Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

ASSUMPÇÃO, Mauro. Rubinho. A montanha; **LP "Perfeitamente, justamente quando cheguei"** – Tapeçar Gravações Ltda. (LP x011) P 1972.

BACELLAR, Luiz. **Satori**, Manaus: Editora Travessia, 1999.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BELTING, Hans. A janela e o muxarabi: uma história do olhar entre o Oriente e Ocidente, *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRANT, Fernando / Milton Nascimento. **CD Encontros e despedidas / Milton Nascimento**. Polygram do Brasil Ltda. (827.638-2) P 1989.

BRITO, Silvio. Pare o mundo que quero descer. **LP "Pare o mundo que quero descer"**, Gravadora Continental. P 1976.

CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, Sergio; RAMOS, Oscar (Orgs.). Prospecto da **Mostra "A cor do povo"**, Manaus: SEC, 2006.

CARMINÉ, Demosthenes. **Um chão cheio de estrelas – A história do Carrossel da Saudade**, Manaus: Ed. Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro, **Metodologia da Investigação**, Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

CARVALHO, Florêncio de. **No coração da floresta: vivências de um caboclo da Amazônia**, Brasília: [s.n.], 2006.

CASTORIADIS, C.L. **Institution imaginaire de la société**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

CHAVES, Nilson/Vital Lima. **CD Nilson Chaves - 25 anos, Tempodestino**. Outros Brasis (CD OBR-011) / 6928353-1. P 1999.

DERDYK, Edith (org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**, São Paulo: Ed. Senac, 2007.

DUCHASTEL, Alessandra. **O caminho do imaginário: o processo de arte-terapia**, São Paulo: Paulus, 2010.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o artista interior**, São Paulo: Claridade, 2002.

EVANGELISTA, Roberto. "A arte de Fernando Junior" *In: Prospecto da exposição*, Galeria da Universidade do Amazonas - UA, 1990.

\_\_\_\_\_. "O artista pelo artista" *In: Araújo, James; Gomes, Verônica; Pinto, Renan Freitas. (Org.). Ritos Roberto Evangelista*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sementes germinadas** / Evangelista, Márcio Catunda. Fortaleza: Imprece, 2019.

\_\_\_\_\_. *In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216344/roberto-evangelista>, Acesso em: 12 de outubro de 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FRITZEN, S.J. **Janela de Johari**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

JARDIM, João. Walter Carvalho. Documentário - **Janela da Alma**, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GJUA0Oqtloc> Acesso em 01-11-2022.

JORGE, Ana Maria Guimarães. **Introdução à percepção: entre os sentidos e o conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2011.

JORGE, Luís Antônio. **O desenho da janela**, São Paulo: Annablume, 1995.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular**, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver** (Texto elaborado a partir de *live*, e conversas com o autor realizada na Semana do Bem Viver da Escola Parque do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro: Copyright © Ailton Krenak, 2020.

KUBRUSLY, Cândido Araújo. **O que é fotografia**, São Paulo: Editora Brasiliense, (Coleção primeiros passos; 82), 2006.

MAGRÃO, Sergio / Luiz Carlos Sá. **LP Caçador de mim / Milton Nascimento**: Polygram do Brasil Ltda. P 1981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**, Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Gaivão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MIKOSZ, José Eliézer. **A arte visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)**. Orientador: João Eduardo P. Basto Lupi. Florianópolis: 2009.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo: Summus, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**, Petrópolis: Vozes, 1987.

SAINT-EXUPÉRY. Antoine de. **O pequeno príncipe**, São Paulo: Geração Editorial. 2015.

SANTOS, Adelson. **Música – Profissão de risco: A dialética de uma visagem estética no reino da clorofila**, Manaus: Editora Travessia, 2012.

\_\_\_\_\_. **Compacto simples “Adelson”**: lado A. Argumento (não mate a mata). Tapeçar Gravações Ltda. – P 1980.

\_\_\_\_\_. Interprete: Karine Aguiar - **Não mate a mata (oficial video)**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7mj-wVdxPY> Acesso em 12-04-2022.

SANTOS, Silvino. Documentário - **No paiz das amazonas**, 1922. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhwLvmUhS8> Acesso em 12-04-2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SHANON, Benny. **The antipodes of the mind: charting the phenomenology of the ayahuasca experience**, USA: Oxford University Press, 2003.

SHIMODA, Flávio. **Imagem Fotográfica**, Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

SILVA JUNIOR, F.A. Vídeo - **A cidade das cores alegres**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5uT2bwZomo&t=70s> Acesso em 12-03-2022.

\_\_\_\_\_. Vídeo aula – **Pintura com álcool**, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9whUda69nhU&t=70s> Acesso em 04-02-2021.

\_\_\_\_\_. Vídeo - **Poéticas da janela**, 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BvfOpk9pHRA> Acesso em 12-03-2022.

\_\_\_\_\_. Vídeo - **Processo criativo de desenho com álcool**, 1999.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gp7Bz56W1g8&t=13s>  
Acesso em 10-02-2023.

\_\_\_\_\_. Vídeo arte - **Registros urbanos**, 2014. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=TDU9Fxi5KzU> Acesso em 05-05-2022.

SOUZA, Márcio. **Silvino Santos – o cineasta do ciclo da borracha**, Manaus: Edua, 2007.

THE ART GALLERY. **Salão de arte contemporânea da Academia Amazonense de Letras**. Catálogo de coletiva de artistas. Curadoria de Sergio Cardoso, Manaus: Instituto Cultural Brasil Estados Unidos – ICBEU, 2022.

TIBURI, Márcia. **Diálogo/desenho** / Marcia Tiburi, Fernando Chuí, São Paulo: Editora SENAC, 2010.

VINCI, Leonardo. **Sämtliche Gemälde und die Schriften zur Malerei**. A. Chasel (Ed.). München: Schirmer/Mosel, 1990.

WERNECK, Vera Rudge. **Cultura e valor**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.



